UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

GIOVANNA CARVALHO SANT'ANA

Gestão de bibliotecas públicas: do planejamento à avaliação dialógica de ações formativas de profissionais

São Paulo
2022

GIOVANNA CARVALHO SANT'ANA

Gestão de bibliotecas públicas: do planejamento à avaliação dialógica de ações formativas de profissionais

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão da Informação.

Área de Concentração: Organização, Mediação e Circulação da Informação

Orientadora: Profa. Dra. Ivete Pieruccini

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Sant'Ana, Giovanna Carvalho
Gestão de bibliotecas públicas: do planejamento à avaliação dialógica de ações formativas de profissionais / Giovanna Carvalho Sant'Ana; orientadora, Ivete Pieruccini. – São Paulo, 2022.
86 p.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional) – / Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia
Versão corrigida

1. Avaliação dialógica. 2. Bibliotecas públicas. 3. Mediação cultural. 4. Democracia cultural. 5. Interculturalidade. I. Pieruccini, Ivete. II. Título.

CDD 21. ed. – 020

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Nome: SANT'ANA, Giovanna Carvalho

Título: Gestão de bibliotecas públicas: do planejamento à avaliação dialógica de ações formativas de profissionais

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Gestão da Informação.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente à Profa. Dra. Ivete Pieruccini pela excelência na orientação e no acompanhamento desse percurso formativo dialógico. Sua condução alargou meu olhar para a pesquisa e a investigação acadêmicas, e alavancou meu refletir e fazer profissionais.

Agradeço muitíssimo ao Prof. Dr. João Alberto Arantes do Amaral, educador que me inspira e ensina a pensar. Obrigada pelo profissionalismo e pela generosidade em participar desse processo desde 2014; parte significativa dessa trajetória se deve pelo seu apoio em compartilhar tanto conhecimento para que esse mestrado se tornasse realidade.

Também agradeço muito à Dra. Adriana Silva por ter aceitado o convite para enriquecer esse caminho com sua atuação técnica, cultural e acadêmica que engrandecem a proposta do mestrado profissional.

Obrigada ao Prof. Dr. Edmir Perrotti e aos pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Biblioeducação (GPEB/ECA/USP), pela acolhida e partilha de conhecimentos.

Agradeço imensamente aos admiráveis e resilientes profissionais do SisEB pelos encontros, diálogos e aprendizados. Um agradecimento ao diretor executivo da SP Leituras, Pierre Ruprecht, pela abertura e confiança, que possibilitaram a realização da pesquisa em meio aos trabalhos profissionais.

Às minhas estimadas Adriana, Maraléia, Rosane, Hosana, Marilena, Vanessa, Jaiane, Janaina e Natalia, pela parceria e pelas trocas.

Às minhas queridas Ivani, Cibele, Gilana, Vanessa e Aryane, pela amizade e pelo companheirismo durante essa jornada.

Obrigada, de coração, à minha querida irmã Nicolle e ao meu companheiro Guilherme, por contribuírem sempre com tanto amor, cuidado e incentivo. Aos meus pais Neuzely e Gilberto, e às minhas tias Neide e Gilka por todo o apoio.

A investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito do seu pensar. E se seu pensar é mágico ou ingênuo, será pensando o seu pensar, na ação, que ele mesmo se superará. E a superação não se faz no ato de consumir ideias, mas no de produzi-las e de transformá-las na ação e na comunicação. (FREIRE, 1987, p. 64-65)

RESUMO

SANT'ANA, G. C. **Gestão de bibliotecas públicas**: do planejamento à avaliação dialógica de ações formativas de profissionais. 2022. 86 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

O estudo trata da avaliação de ações formativas de profissionais de bibliotecas públicas, tendo como problemática a prática de mensuração quantitativa e qualitativa dessas atividades, de sua aplicabilidade e significado nos processos de identificação e reinserção de resultados no planejamento institucional. A pesquisa parte da premissa da biblioteca pública como dispositivo dialógico de mediação cultural, orientada na modalidade *Biblioteca Forum*. O trabalho teve como contexto os processos avaliativos de capacitações de profissionais de bibliotecas paulistas, tomando em referência a experiência de avaliação do workshop internacional Mediação: Cultura, Leitura e Território, realizado presencialmente no âmbito do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo (SisEB), em outubro de 2018. O objetivo do estudo é construir uma proposta de indicadores para avaliação de ações formativas de profissionais de bibliotecas públicas, tendo por base a noção de democracia cultural, que oriente capacitações no contexto do SisEB e em contextos de natureza semelhante. A metodologia incluiu investigação bibliográfica sobre princípios em torno da biblioteca *forum* e pesquisa documental para obtenção de dados para o estudo de enfoque misto e alcance descritivo, com desenho incrustado concomitante de modelo dominante. O foco principal nos dados quantitativos, com elementos qualitativos na perspectiva secundária, ambos coletados simultaneamente, teve por base o universo de 66 profissionais e 24 facilitadores que participaram do referido workshop e que responderam anonimamente as pesquisas de satisfação. A amostra utilizada foi a probabilística por conglomerados, composta por respostas fechadas e abertas a dez questionários, sendo nove para participantes e um para ministrantes, de nove ações distintas. Os resultados apresentam níveis confiáveis de respostas, o que permite considerar que se mostraram insuficientes para atender os objetivos para situar a relevância da prática formativa desenvolvida, uma vez que evidenciam a falta de unidade, apresentam fragmentos que não se articulam, constituindo-se em conjunto de opiniões. O trabalho concluiu que a atual matriz avaliativa do SisEB consegue medir mais a satisfação dos partícipes das capacitações e menos o significado da formação para as transformações conceituais e procedimentais da biblioteca pública. Em função disso, justificou-se a construção de uma matriz com o pressuposto da avaliação dialógica, como forma de penetrar no conteúdo da formação e dos problemas enfrentados pelas equipes que atuam no terreno concreto das bibliotecas. O propósito do trabalho foi de contribuir para um percurso avaliativo mais consistente entre facilitadores, participantes e organizações responsáveis, desde o planejamento à avaliação das ações formativas de profissionais de bibliotecas públicas. Conseguiu-se constituir de maneira estruturada dimensões e indicadores que articulem dinamicamente a formulação e a avaliação de programas formativos, incluindo diferentes aspectos teóricos e práticos sobre o papel das bibliotecas públicas como dispositivos de mediação (inter)cultural, a partir de categorias envolvendo ambiente, repertórios, linguagens documentárias, práticas culturais e práticas de gestão dessas instituições culturais.

Palavras-chave: Avaliação dialógica. Bibliotecas públicas. Mediação cultural. Democracia cultural. Interculturalidade.

ABSTRACT

SANT'ANA, G. C. **Gestão de bibliotecas públicas**: do planejamento à avaliação dialógica de ações formativas de profissionais. 2022. 86 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

The study approaches the evaluation of formative actions for public library professionals, taking as its problematic the practice of quantitative and qualitative measurement of these activities, of its applicability and meaning in the processes of identification and reinsertion of results in institutional planning. The research is based on the premise of the public library as a dialogical device of cultural mediation, oriented in the modality *Library Forum*. The work had as context the evaluative processes of training of São Paulo library professionals, taking in reference the evaluation experience of the international workshop Mediation: Culture, Reading and Territory, held in person in the scope of the State System of Public Libraries of São Paulo (SisEB), in October 2018. The objective of the study is to build a proposal of indicators for the evaluation of training actions for public library professionals, based on the notion of cultural democracy, to guide training in the context of SisEB and in contexts of similar nature. The methodology included bibliographic research on principles around the library *forum* and documentary research to obtain data for the study with a mixed focus and descriptive scope, with a concomitant dominant model embedded design. The primary focus on quantitative data, with qualitative elements in the secondary perspective, both collected simultaneously, was based on the universe of 66 professionals and 24 facilitators who participated in the aforementioned workshop and who responded anonymously to the satisfaction surveys. The sample used was the probabilistic one by conglomerates, composed of closed and open answers to ten questionnaires, nine for participants and one for instructors, from nine different actions. The results present reliable levels of answers, which allows us to consider that they were insufficient to meet the objectives to situate the relevance of the formative practice developed, since they show a lack of unity, present fragments that are not articulated, constituting a set of opinions. The work concluded that the current evaluation matrix of SisEB is able to measure more the satisfaction of the participants of the training courses and less the meaning of the training for the conceptual and procedural transformations of the public library. Because of this, the construction of a matrix with the assumption of dialogical evaluation was justified, as a way to penetrate the content of the training and the problems faced by the teams that work in the concrete field of libraries. The purpose of the work was to contribute to a more consistent evaluative path among facilitators, participants and responsible organizations, from the planning to the evaluation of the formative actions of public library professionals. It was possible to create, in a structured manner, dimensions and indicators that dynamically articulate the formulation and evaluation of training programs, including different theoretical and practical aspects about the role of public libraries as devices of (inter)cultural mediation, from categories involving environment, repertoires, documentary languages, cultural practices and management practices of these cultural institutions.

Keywords: Dialogical evaluation. Public libraries. Cultural mediation. Cultural democracy. Interculturality.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Matriz de avaliação – Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo 60

Tabela 2 – Avalições dos participantes (320 respostas) sobre atividades do workshop Mediação: Cultura, Leitura e Território, realizado pelo SisEB de 22 a 26 de outubro de 2018 62

Tabela 3 – Codificação dos temas recorrentes das 160 respostas das avalições dos participantes sobre atividades do workshop Mediação: Cultura, Leitura e Território 62

Tabela 4 – Avalições dos facilitadores (17 respostas) sobre o workshop Mediação: Cultura, Leitura e Território, realizado pelo SisEB de 22 a 26 de outubro de 2018 63

Tabela 5 – Codificação dos temas recorrentes das 12 respostas das avalições dos facilitadores sobre o workshop Mediação: Cultura, Leitura e Território 64

Tabela 6 – Carga horária (CH), frequência e taxa percentual de respostas dos participantes aos questionários de avaliação das atividades do workshop internacional Mediação: Cultura, Leitura e Território, realizado pelo SisEB de 22 a 26 de outubro de 2018. 66

Tabela 7 – Proposta de reformulação de matriz de avaliação para as ações formativas de profissionais de bibliotecas públicas. 71

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Auditório da Biblioteca de São Paulo, com foyer, 89 assentos e cabine técnica 51

Figura 2 – Pisos térreo e superior da Biblioteca de São Paulo, em Santana, São Paulo 51

Figura 3 – Fachada principal da Biblioteca de São Paulo, localizada no Parque da Juventude, com face para a Av. Cruzeiro do Sul, Santana, São Paulo 57

Figuras 4 – Instalações do auditório da Biblioteca de São Paulo no workshop internacional Mediação: Cultura, Leitura e Território 57

Figuras 5 – Instalações na oficina do workshop com cabine e equipamentos para tradução simultânea 57

Figura 6 – Espiral de análise de dados qualitativos 61

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BIBLORED	Rede Distrital de Bibliotecas Públicas de Bogotá, Colômbia
CERLALC	Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e o Caribe
EAD	Ensino a Distância
IFLA	Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ONU	Organização das Nações Unidas
SECEC	Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo
SISEB	Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo
SNBP BRASIL	Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas do Brasil
SNBP CHILE	Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas do Chile
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
UBL	Unidade de Bibliotecas e Leitura
UCLG	United Cities and Local Governments
UDBL	Unidade de Difusão Cultural, Bibliotecas e Leitura
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 14

1 INTRODUÇÃO 17

1.1 Justificativa e objetivos 20

1.2 Postura epistemológica 24

1.2.1 Avaliação: dispositivo de construção e organização do conhecimento e da informação 24

1.2.2 Gestão de bibliotecas públicas: do planejamento à avaliação 28

1.2.3 Ações formativas de profissionais de bibliotecas públicas paulistas: características 29

1.3 Organização do trabalho 31

2 REVISÃO DA LITERATURA 32

2.1 Biblioteca pública: dispositivo dialógico de mediação cultural 32

2.1.1 Bibliotecas públicas, democracia cultural e interculturalidade 34

2.2 A biblioteca pública na contemporaneidade: os textos oficiais 38

2.2.1 Manifesto da Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (IFLA/Unesco) 38

2.2.2 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU): referências para avaliação 41

2.3 Biblioteca pública contemporânea: o contexto do SisEB 43

2.4 Avaliação em ações culturais e de bibliotecas públicas 45

2.4.1 Diretrizes para as Práticas de Avaliação no Brasil 48

3 ANÁLISE DO DISPOSITIVO DE AVALIAÇÃO DA FORMAÇÃO 50

3.1 Enfoque e abordagem dos dados 50

3.2 Contexto do estudo 51

3.3 Casos, universo e amostra 54

3.4 Procedimentos metodológicos adotados 55

3.4.1 Processos de coleta de dados e proposta de utilização 55

3.4.2 Dados coletados, formas de coleta e instrumentos de medição 56

3.4.3 Relatório de confiabilidade, validade, objetividade e variáveis 65

4 RESULTADOS 68

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 74

REFERÊNCIAS 78

ANEXOS 85

ANEXO A – Instrumento de avaliação das capacitações presenciais de 2018 do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo (participantes) 85

ANEXO B – Termo de autorização para coleta de dados 86

APRESENTAÇÃO

A biblioteca da minha vida tinha, e ainda tem, apenas 20 m². Ali, no auge da minha pré-adolescência, internalizei a pujança desse tipo de espaço, mesmo sendo ele de natureza privada, vale complementar. Minha irmã e eu éramos usuárias assíduas, com idas garantidas quase todas as tardes, entre a escola e o lar.

Foi na minha biblioteca que encontrava amigas e amigos de diversos bairros da cidade para conversar e interagir, fosse desenhando, pintando, brincando, lendo, enquanto minha mãe trabalhava. Foi ali que aprendi a jogar xadrez e a tomar café. Era um lugar seguro, sempre com gente, com muita conversa e com muitos encontros; disso me lembro bem. A Elaine, funcionária da instituição e responsável pela biblioteca, se tornou nossa amiga nesses anos de permanência quase que diária no local e certamente foi muito responsável pelo estabelecimento do nosso vínculo afetivo, lúdico e social com aquele espaço.

Minha mãe, frequentadora das bibliotecas públicas de São Bernardo do Campo – sexto maior sistema municipal de bibliotecas do Estado de São Paulo[1] (SISEB, 2020), com sete bibliotecas e uma gibiteca – conheceu a excelente e gratuita programação cultural realizada pelas prefeituras próximas a partir do diálogo com os profissionais bibliotecários. Foi assim que, entre as décadas de 1990 e 2000 do famoso ABC Paulista, iniciei minha formação cultural nas diversas linguagens artísticas. A relação com as artes era interna, urgente e só crescia. Foi também nesse território que estabeleci meu fazer cultural com a música, com as artes têxteis e, especialmente, com o desenho. Relação essa tão íntima e profunda que me levou à cidade de Bauru, interior do Estado, para cursar a graduação em Arquitetura e Urbanismo.

A partir do segundo ano da faculdade, me envolvi com projetos de pesquisa e atuei, principalmente, com programas para implementação de planos diretores populares de bairro. Desde esse momento da minha trajetória acadêmica e profissional, iniciei minhas andanças por algumas cidades paulistas, participando de encontros com diversos atores locais e dos projetos urbanísticos. Posteriormente a essa experiência, fui estagiar na Secretaria da Cultura[2] e trabalhar com o projeto do inconcluso Museu da História do Estado de São Paulo e, também, com projetos e programas vinculados à Unidade de Formação Cultural.

---

[1] Os cinco maiores sistemas de bibliotecas são das cidades de São Paulo, Santo André, Barueri, Diadema e Guarulhos.

[2] Atual Secretaria de Cultura e Economia Criativa, do Governo do Estado de São Paulo (2022).

Já recém graduada, passei a atuar no terceiro setor, no campo designado para o trabalho da sociedade civil, numa empresa privada sem fins lucrativos, que possui parceria com o Governo do Estado de São Paulo para gestão de duas bibliotecas estaduais e de ações que apoiam um sistema estadual que congrega bibliotecas públicas. Desde então, participo ativamente da ação de mobilização coletiva em prol da cultura e da biblioteca pública, com atuação profissional cotidiana no Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo (SisEB).

Em 2011 iniciei minhas itinerâncias, de pé e ouvido, coordenando e acompanhando o programa de capacitação continuada do SisEB, com o objetivo de contribuir para que as bibliotecas possam se constituir e atuar como espaços voltados ao desenvolvimento das comunidades dos territórios paulistas na construção de significados e de sua própria identidade, atuando como locais democráticos de cultura, educação e acesso à informação, ao conhecimento e ao lazer. O que vejo e escuto, já tendo percorrido e conversado com profissionais de mais de uma centena de municípios, é o empenho deles para a formatação de uma biblioteca pública contemporânea, o que evidencia a importância de transformações consistentes e dinâmicas dessas pessoas, públicos e espaços, que mesmo renegados, sem recursos e atenção das gestões municipais, se reinventam sempre que habitados por profissionais comprometidos com o trabalho e com sua constante formação técnica e cultural. Essa mudança não acontece na velocidade que alguns gestores públicos esperam, dados os "investimentos" abarcados, mas contam com a vontade obstinada de aprendizado e troca entre os indivíduos que ali atuam. Entendo que todos nós movimentamos juntos esse sistema para mudanças permanentes das bibliotecas, que reflete o tempo das leituras e dos aprendizados de cada um e de uma rede que constitui um caminho que vem sendo construído há décadas no país.

Nesse percurso, da minha pré-adolescência até este momento, a relação que estabeleci com as bibliotecas extrapola minha atuação profissional; existe um vínculo que me liga a esse universo e que justifica meus interesses objetivo e subjetivo sobre a questão. Dessa forma, delineio esse estudo com o desejo de que o campo das bibliotecas, especialmente as bibliotecas públicas, siga ganhando relevância na vida das pessoas, como teve na minha formação enquanto indivíduo que aprende e que troca.

Em 2014, decidi adotar como recorte expandido para meus estudos acadêmicos os indicadores de projetos públicos culturais. Em paralelo, já trabalhando com a avaliação de programas e ações do SisEB, uma das minhas percepções foi entender que é imprescindível que a composição de atuações, considerações e vivências dos diversos atores que constituem o

ecossistema das bibliotecas públicas componham a prática avaliativa. Fazem parte desse meio usuários, equipes das diversas áreas da biblioteca, parceiros, administrações das instituições que operam e apoiam sua gestão, entre tantos outros atores, que se mostram a cada realidade.

Nesse sentido, o mestrado profissional em Gestão da Informação, na linha de pesquisa em Mediação Cultural, se apresentou como uma oportunidade estruturada e como possibilidade para aprofundar os estudos sobre a avaliação na área da Cultura, com a perspectiva de responder parte das dúvidas sobre o impacto de ações educacionais não formais de profissionais que atuam com e em bibliotecas públicas paulistas, bem como propor a construção/remodelação de um dispositivo avaliativo que inclua as complexidades que permeiam as relações significativas dos públicos com tais equipamentos.

Há, portanto, um movimento interno, particular, em direção a uma ação pública, ancorada no meu desejo de melhoria das bibliotecas públicas. A experiência de terreno, intelectual e de gestão de mais de uma década na escuta, na percepção e no trabalho diário com profissionais de bibliotecas e com diversos programas do SisEB trouxeram-me questionamentos e inquietações diante de situações práticas que requeriam reflexão mais ampla: todas essas ações são anualmente avaliadas quantitativa e qualitativamente com o apoio de consultoria especializada, mas, ainda assim, será que conseguem expressar por meio de relatórios, instrumentos de mensuração, indicadores, dimensões e matrizes avaliativas estabelecidos, o real impacto causado pelas formações no trabalho dos profissionais atuantes?

1 INTRODUÇÃO

No Brasil recente e de hoje, ainda não conseguimos apontar a área cultural como política pública estratégica e ainda é preciso avançar para gerar interesse e garantir orçamento nas instâncias municipais, estaduais e federal para avaliação de ações de bibliotecas públicas, já que, na maioria dos casos, não possuem recursos próprios (por assim designarem as gestões) e não são entendidas como relevantes dentro da cena da cultura, apesar de serem (as bibliotecas) o equipamento público cultural mais presente no território nacional – 94,8% dos municípios brasileiros têm bibliotecas (MAIA; GOMES, 2020).

O Dicionário de Cambridge (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS & ASSESSMENT, 2022) define biblioteca como “um prédio, sala ou organização que possui uma coleção de livros, documentos, música e às vezes coisas como ferramentas ou obras de arte, para que as pessoas possam pedir emprestado, geralmente sem pagamento”. Nos distintos contextos brasileiros – estaduais e municipais – a acepção de biblioteca tem variante geográfica e deve considerar configurações conceituais, práticas culturais e de gestão, aporte de recursos financeiros e constituição e formação de quadros profissionais.

De acordo com levantamento realizado em 2020/2021 pelo Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, da Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, existem 5.293 bibliotecas públicas no Brasil, 1.274 delas localizadas na Região Sudeste (SNBP BRASIL, 2021).

Dados do SisEB de 2020 registraram que o Estado de São Paulo abarca 330 bibliotecas públicas em 241 municípios, correspondendo a 37,4% das cidades do território estadual. A quantidade de bibliotecas públicas paulistas equivale a 25,9% das bibliotecas do Sudeste e 6,2% das do país.

O SisEB é o mais antigo Sistema da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo (SECEC), tendo sido instituído em 1984 pelo Decreto nº 22.766, de 9 de outubro (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1984, p. 1). Seu último plano estratégico foi consolidado em junho de 2010 pelo Decreto nº 55.914 (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2010, p. 4), sob a coordenação da então Unidade de Bibliotecas e Leitura (UBL), hoje Unidade de Difusão Cultural, Bibliotecas e Leitura (UDBL).

O objetivo do Sistema é “garantir aos cidadãos do Estado de São Paulo o direito à biblioteca e fazer com que cada biblioteca tenha uma relação significativa com seus territórios e suas

comunidades" (SISEB, 2021). Para atingir esta missão, o SisEB se apresenta como política pública cultural (SANT'ANA; KIRST, 2015) para apoiar e desenvolver: a formação de estrutura de governança participativa; a realização do programa de formação continuada das equipes de bibliotecas; a discussão dos desafios e das missões da biblioteca pública contemporânea; a atualização e renovação de acervos; a efetivação de programação cultural local e qualificada; e o aperfeiçoamento da formatação da vasta gama de serviços das bibliotecas.

Tais propostas podem ser consideradas de caráter permanente, já em 1943 Moraes (1983, p. 59) nos alertava que "antes de mais nada, o que temos a fazer [...] é remodelar o que já existe, é fazer funcionar a máquina enferrujada, suprimir certos depósitos sem utilidade, incorporá-los a verdadeiras bibliotecas ativas, fazer crescer a servir ao público". Para que essa remodelação seja exitosa, Moraes (1983) preconiza três pontos: a qualificação técnica e cultural do profissional bibliotecário (referindo-se a constituições de cursos formais para graduação de quadros profissionais); a organização mais autônoma e menos burocrática da biblioteca pública; a implementação de plano de ação da biblioteca, em consonância com contextos e demandas das comunidades locais. Apesar da distância temporal das considerações do autor, a problemática é ainda atual.

Face a isso, se estabelece o desafio de mensurar sistematicamente a qualidade das competências, experiências, formações e percepções de profissionais e equipes que participam das ações do SisEB e que gerenciam e operam as bibliotecas paulistas, uma vez que transformações significativas implicam diretamente os quadros envolvidos.

Nesse sentido, surge a pergunta de pesquisa: quais são os indicadores das avaliações do programa de formação de profissionais do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo para atuação em bibliotecas públicas e projetos de leitura?

Para buscar responder esta questão, atrelada à linha de pesquisa adotada, o presente estudo teve como contexto os processos de avaliação de ações formativas de profissionais de bibliotecas públicas paulistas, tomando em referência a experiência de avaliação do workshop internacional Mediação: Cultura, Leitura e Território, realizado no âmbito do SisEB em outubro de 2018 no formato presencial. O objeto empírico da pesquisa foi, assim, um conjunto de indicadores quantitativos e qualitativos utilizados na avaliação do programa de capacitação

continuada do Sistema. A análise desses indicadores foi fundamentada nas estratégias de formações e dinamização de bibliotecas, presentes nessas avaliações.

O universo do estudo englobou, então, profissionais de bibliotecas que participaram do curso de mediação realizado em 2018 no âmbito do SisEB e que responderam anonimamente as pesquisas de satisfação das sessões de formação, sendo nove questionários para os participantes do workshop presencial (nove atividades em cinco dias, com carga horária total de 35 horas) e um formulário para os facilitadores. A pesquisa focou exclusivamente na avaliação do evento, realizado e oferecido para os quadros, a fim de aperfeiçoar práticas e reflexões de quem atua nas bibliotecas, cujo dever de ofício é o desenvolvimento desses locais como ambientes que contribuam para o fortalecimento das identidades das comunidades e dos sujeitos, com integração entre culturas acumuladas e saberes locais. Essas bibliotecas devem almejar se constituir como espaços para intercâmbio de culturas e formação de atitudes e de práticas leitoras, acompanhando mudanças sociais e tecnológicas, tornando-se locais úteis, em que as comunidades se reconheçam, participem e fidelizem seu uso, em outros termos, apropriem-se do patrimônio simbólico, recriando os signos.

De acordo com a organização que gerencia atualmente as ações do SisEB, é relevante esclarecer que atualmente as formações são pensadas e realizadas calcadas em três frentes: i) tabulação dos questionários de satisfação dos anos anteriores, com análise dos temas recorrentes identificados na pergunta aberta “sugira temas para novos eventos”; ii) pesquisas internas realizadas pela instituição que organiza as ações formativas, com mapeamento de temáticas expressivas e em voga nas esferas nacional e internacional; iii) planejamento estratégico baseado no plano de trabalho estabelecido pela SECEC e nas propostas de trabalho transdisciplinares recebidas nos anos anteriores.

É importante lembrar que a formação acadêmica oferece parâmetros, mas as aprendizagens de modelos formais de dispositivos muitas vezes não encontram espelhos nas realidades e nos contextos em que vivemos, já que nossa realidade é muito mais complexa. Dessa maneira, podem ser pensadas ações formativas para que os sujeitos deem conta de questões da constituição do equipamento – técnica e culturalmente, que escapam a contornos exclusivamente teóricos. Assim, a capacitação continuada ganha delineamento e perfil atrelados à ordem de problemas e desafios que os sujeitos enfrentam no trabalho diário. Esse diálogo direto com a realidade pode engajar o indivíduo no projeto em desenvolvimento, pois ele verá suas questões sendo tratadas no programa de qualificação continuada.

Nesses termos, a importância da educação não formal integra o conjunto de esferas formativas, tendo a vantagem de ser intrinsecamente transdisciplinar, na medida em que reúne diferentes categorias profissionais, congregando saberes e fazeres diversificados. Por esta razão, Santa María e Vasco (2013) enfatizam a importância de a gestão da biblioteca e do bibliotecário reconhecerem a relevância da capacitação profissional como forma de atualização constante e como espaço para firmar e aprofundar parcerias com organizações locais, nacionais e internacionais, bem como conhecer outros profissionais do campo como oportunidade de compartilhamento de práticas e realizações. As autoras (2013) e Moraes (1983) convergem, portanto, quando colocam como essencial o estabelecimento de uma rede de bibliotecas que trabalhe de forma cooperativa e com objetivos comuns, articulando referenciais à experiência dos sujeitos do terreno.

Desse modo, e sabendo que a qualidade avaliativa é indispensável em processos culturais, além de ser premente a necessidade de avaliar o significado das ações, o presente trabalho aborda a problemática da avaliação em cultura, tendo como objeto específico ações de bibliotecas públicas, sob o eixo da educação não formal do profissional bibliotecário.

1.1 Justificativa e objetivos

Este estudo trata da avaliação como dispositivo dinâmico, com papel na significação do conhecimento, em diálogo constante com a biblioteca contemporânea, tendo como problemática a prática de mensuração quantitativa e qualitativa de ações de formação continuada de profissionais de bibliotecas públicas, com base em dados disponibilizados pelo SisEB.

Considerando a complexidade dos critérios de avaliação, e do fato dessas ações ainda estarem vinculadas primordialmente à eficácia e à sensibilidade (satisfação) de quem participa das formações, o trabalho coloca em discussão métodos, critérios, instrumentos e indicadores utilizados na avaliação das atividades de capacitação continuada dentro do cenário da cultura, para além das premissas técnicas e não atreladas à graduação acadêmica do profissional bibliotecário.

Essa proposição busca relacionar o objeto de pesquisa com: a) princípios expressos no Manifesto da IFLA/Unesco sobre bibliotecas públicas (1994); b) recomendações dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da Organização das Nações

Unidas (ONU); c) objetivos e funções das bibliotecas públicas construídos e praticados em consonância com as demandas das comunidades locais.

A perspectiva democrática de avaliação pressupõe, assim, o conhecimento da conjuntura, como categoria essencial de processos e práticas culturais, tendo em vista recepção e criação de conhecimento e cultura, englobando os sujeitos envolvidos. Nessa linha, é importante considerar a territorialização das informações nos detalhes do micro e interligar as políticas públicas (não apenas o dado pelo dado) para humanização das estatísticas. Assim, bibliotecas têm que considerar seu caráter institucional, o tempo, o terreno e a teia de relações em que estão inseridas em seus territórios, desde as questões gerais até as mais particulares que dizem respeito ao indivíduo que produz, busca e frui cultura.

A proposta, pois, é construir bases a um paradigma avaliativo que considere a qualificação não formal mesclada com a experiência do profissional, diferente dos métodos pedagógicos e regulares de ensino. Uma capacitação que conte com a formação e o contexto das pessoas como elementos da avaliação, como um processo que acontece não apenas pautado em princípios procedimentais, que se propõe em avaliar uma técnica, mas também que dá insumo para esses indivíduos significarem ações e fazerem suas próprias avaliações. Obviamente, o acompanhamento de médio e longo tempo das ações permitirá verificar se nas relações e práticas efetivas/cotidianas o sujeito redefiniu e transformou seu pensamento, impactado especificadamente por determinada atividade formativa.

Entretanto, é importante que as mudanças sejam consideradas no processo avaliativo, nuances que vão acontecer no dispositivo na prática, como, por exemplo, o nível de aceitação, as bibliotecas com maior volume de frequentadores, com populações/públicos mais envolvidos, e que são, na verdade, parâmetros perceptíveis de modo mais imediato e que também implicam tipos de formação propostos.

A importância de um novo referencial avaliativo que respeite pontos e noções como, por exemplo, princípios de democracia cultural e interculturalidade, exige rever instrumentos, conforme indicado na atual matriz de avaliação do SisEB (Tabela 1, p. 60), analisada no estudo. Ao investigarmos o conteúdo, é possível notar que não consta a dimensão do chamado usuário como produtor simbólico, mas, simplesmente, como consumidor de objetos culturais. A capacitação constante, teórica e prática, e a necessidade de avanço na apropriação por parte de formadores e formandos da noção de biblioteca como dispositivo que atenda aos princípios

acima referidos, implicará a reformulação de conteúdos da formação. Conteúdos esses relativos à importância e ao papel do espaço, dos repertórios, das linguagens, das práticas culturais e de gestão como categorias constitutivas da biblioteca pública, entendidas, por sua vez, como chaves para a transformação das relações sujeitos (protagonistas culturais) com a cultura (memória e informação atreladas ao patrimônio cultural). É, portanto, na esfera da materialidade e das articulações entre essas categorias que uma nova ordem de relações simbólicas poderá se efetivar (PIERUCCINI, 2004), razão que implica diretamente formas avaliativas diferenciadas que ultrapassem o nível de satisfação dos sujeitos envolvidos.

Dessa forma e com base nos "critérios para avaliar a importância potencial de uma pesquisa", apresentados por Sampieri (2013, p. 64-65), o presente trabalho atende a diferentes princípios:

a) Conveniência, na medida em que a pesquisa é oportuna para desenvolver uma proposta de matriz avaliativa, com o objetivo de construir alinhamentos compreensíveis a respeito de resultados e impactos planejados, bem como apoiar a gestão competente do programa de formação continuada de profissionais de bibliotecas públicas paulistas, realizado anualmente desde 2011.

E, nesse sentido, conforme corroboram Moraes e Brandão (2017) "uma matriz avaliativa é um dispositivo útil para ajudar uma equipe, um programa ou uma organização a expressar claramente os resultados que suas intervenções sociais pretendem gerar, bem como os indicadores associados a tais resultados".

b) Relevância e projeção social, considerando-se que alcance e produto da pesquisa se apresentam na possibilidade de desenvolvimento de outros estudos sobre programas e ações que compõem o SisEB, enquanto política pública cultural ainda pouco investigada no campo acadêmico, bem como do debate sobre resultados a serem alcançados, com o trabalho desenvolvido em outros sistemas estaduais e municipais de bibliotecas públicas do país.

Ainda de acordo com Moraes e Brandão (2017), o processo de revisão constante da matriz de avaliação é necessário para ajustar o instrumento ao progresso do objeto que está sendo avaliado. Os autores (2017) ressaltam que o percurso de elaboração de matrizes avaliativas, quando realizado de forma coletiva e participativa, contribui para reflexões sólidas sobre o programa, além de se colocar como um caminho democrático e acessível para impulsionar "o desenvolvimento estratégico de políticas e programas sociais".

c) Implicações práticas, por meio da oportunidade de utilização efetiva da matriz avaliativa a ser apresentada, apoiando a construção e o contínuo aprimoramento das matrizes e dos processos de avaliação dos demais programas do SisEB, realizados anualmente, bem como contribuindo nos debates para a melhoria do programa de formação continuada do Sistema.

d) Utilidade metodológica, considerando-se que a remodelação da matriz de avaliação atualmente utilizada (de 2012 até o momento) no processo avaliativo das ações, não será descartada, mas ao contrário, serão consideradas para o estudo as variáveis independentes das estratégias das formações (infraestrutura, atendimento e programação). Atreladas a elas, estão três variáveis dependentes relacionadas à dinamização das bibliotecas: gestão, acervo e programação cultural. De acordo com Scriven (2018, p. 512) a variável dependente é "aquela que representa o resultado – é contrastada com as variáveis independentes, que nós (ou a natureza) podemos manipular diretamente". Com a revisão desse recorte pretende-se acompanhar e incluir mais apropriadamente os profissionais que integram o SisEB e participam do programa de formação continuada.

e) Valor teórico, localizado na possibilidade de conhecer melhor o comportamento das referidas variáveis e a relação entre elas, já que se oportunizará a aplicabilidade dos resultados e do produto do trabalho, instrumento que poderá apoiar a construção e o aperfeiçoamento dos processos avaliativos dos programas e projetos do SisEB.

Dessa forma, a perspectiva é caminhar para a discussão que apoie a revisão contínua da matriz avaliativa das ações de qualificação profissional, com dimensões, estratégias e indicadores (qualitativos e quantitativos) que tenham aplicabilidade levando em conta contextos e históricos das realidades locais do território paulista, em outras palavras, dialógica.

O objetivo geral é construir uma proposta de dimensões e indicadores para avaliação de ações formativas de equipes de bibliotecas públicas e que possa ter aplicabilidade nas capacitações realizadas no âmbito do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo.

O trabalho tem como objetivos específicos: Identificar indicadores quantitativos e qualitativos das avaliações feitas com participantes e facilitadores do curso de mediação realizado presencialmente em 2018; Categorizar os resultados a partir de estratégias de formações (estrutura, atendimento e programação) e de dinamização de bibliotecas (gestão, acervo e programação cultural); Propor parâmetros de remodelação da atual matriz avaliativa das ações

de capacitação que considerem resultados e impactos do programa de formação continuada de acordo com princípios de democracia cultural.

Tais objetivos visam contribuir para um percurso avaliativo mais participativo entre profissionais e organizações responsáveis pela realização das ações formativas de maneira a compatibilizar intenções e concepções, tendo em vista o aperfeiçoamento dos referenciais que pautam formulação e planejamento estratégico dos programas, produtos e serviços, orientados pelo conceito de mediação cultural.

1.2 Postura epistemológica

1.2.1 Avaliação: dispositivo de construção e organização do conhecimento e da informação

> A avaliação é a única competência intelectual exigida em todos os campos da ciência, mas não está incluída em nenhuma das listas de competências intelectuais que supostamente compõem o método científico, encontradas no início de todos os principais textos científicos escolares e projetos de currículo científico. (SCRIVEN, 2018, p. 39)

Para a pesquisa, acolheremos: 1) a definição do conceito de *avaliação* dada pela Rede Brasileira de Monitoramento e Avaliação (apud SILVA; JOPPERT; GASPARINI, 2020, p. 7) que entende a noção como "[...] exercício sistemático de compreender e valorar um objeto qualquer, política, programa, projeto, etc., segundo critérios explícitos e consistentes para um dado conjunto de atores"; 2) a distinção entre *avaliação* e *avaliações,* dada por Scriven (2018) que define a avaliação como processo que determina mérito, significado e valor das coisas, e as avaliações como produtos desse processo.

Para relacionar a avaliação como dispositivo no campo da mediação cultural, podemos nos apropriar do que apresenta Davallon (2007, p. 11) quando afirma que "a noção de mediação aparece cada vez que há necessidade de descrever uma ação implicando uma transformação da situação ou do dispositivo comunicacional, e não uma simples interação entre elementos já constituídos"; e também do que afirma Agamben (2005, p. 10), "o dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder".

Adentrando a afirmação da avaliação como dispositivo dialógico e de mediação cultural, após a leitura de Fabre e Gardiès (2010, p. 122) é possível compreender melhor a avaliação que se constitui como campo que "vai além da simples transmissão de informação para ir no sentido de construir elos entre a necessidade e o uso da informação para permitir ao usuário transformar informação em conhecimento", o que nos leva ao entendimento de que dados bem traduzidos e

trabalhados como informação podem gerar conhecimento no momento em que a apropriação acontece, seja no âmbito pessoal ou coletivo. Os autores (2010, p. 130) ainda explicam que "ativação de significado pelo receptor" pode gerar a compreensão e apropriação da informação para construção significativa de conhecimento, o que geraria diálogos e conexões entre avaliação e biblioteca, avaliação e avaliado, avaliador e públicos, biblioteca e usuário.

> Cada país, cada região, é rico em conhecimento, registrado ou não, mas para participar do concerto global de informações, eles têm o compromisso e a obrigação não apenas de criar essas informações, mas também de organizá-las para que possam obter visibilidade em circuitos internacionais e um espaço na diversidade e pluralidade globais. (MORALES, 2006, p .327-328)

A colocação de Morales (2006) nos movimenta a compreender que é fundamental que profissionais e organizações que atuam no campo da biblioteca firmem parcerias com instituições de fomento à pesquisa e empresas especializadas em monitoramento e avaliação de projetos culturais e sociais. Assim, efeitos da construção dessa rede poderão potencializar e trazer maior efetividade, acesso e inovação às ações desenvolvidas. Ainda assim, nada é garantido, por tratar-se de uma estratégia que se contrapõe ao centralismo e ao controle, uma vez que permite a polifonia por meio do jogo de valores e interesses entre os diferentes envolvidos no processo.

Todo sistema avaliativo em bibliotecas públicas, seja quantitativo, qualitativo ou misto, deveria ser construído sobre o quadro cultural de cada realidade. Hoje, podemos constatar que a maior parte das avaliações realizadas possui uma régua (calcada num modelo/valor cultural estabelecido sobre parâmetros históricos cristalizados), a média, o que dificulta aplicação e análise dos vazios, considerando as distintas situações brasileiras.

Dentro desses contextos e vazios brasileiros, quais são as questões, os objetivos, as metodologias, as premissas e as amostras das pesquisas de ações formativas de profissionais de bibliotecas públicas? São apresentados indicadores qualitativos não mensuráveis? Caso sim, atuam para revelar o potencial das bibliotecas como campo e meio para exercício da cidadania e das autonomias, bem como para colaborar na proscrição das desigualdades estruturais de gênero, geracional e étnico-racial do nosso país?

Por exemplo, a quantidade de ações culturais formativas em bibliotecas públicas é ou não significativa em relação às ações culturais formativas realizadas em um determinado território? Como nos explica o trabalho realizado em Medelín, Colômbia (CERLALC, 2015, p. 202), "nem

todos os territórios têm as informações suficientes para medir as duas variáveis envolvidas no indicador".

A colocação de Calil (2012, p. 82) reforça a questão e a necessidade de comparação e diálogo do indicador com outras fontes e realidades: "muitas vezes descritos sob a forma de números e medidas estatísticas, esses indicadores atuam como linguagem comum e acessível, que permite comparar situações díspares entre si ou confrontá-las com outras referências social e historicamente desejáveis".

Em complementação, Botelho (2016, p. 166), do ponto de vista da política cultural, enfatiza a importância da busca por um aperfeiçoamento das avaliações já realizadas, acrescentando a esse refino indicadores qualitativos que evidenciem "evoluções sutis e quase imperceptíveis" quando comparadas a avaliações quantitativas, já que:

> [...] as variáveis de uma pesquisa quantitativa frequentemente não revelam modalidades de engajamento dos entrevistados em suas diferentes práticas e consumos: há práticas mais ou menos obrigatórias (escola, profissão, família, amizades etc.); há práticas rotineiras e que não envolvem grande entusiasmo; há práticas associadas ao interesse ou ao prazer; há, enfim, aquelas vividas de maneira mais intensa, como uma paixão. Grande parte das práticas culturais individuais, muitas vezes a maioria delas, não está ligada a gostos, mas a circunstâncias (como nos casos da leitura e da frequência a bibliotecas). (BOTELHO, 2016, p. 137)

Nesse ponto, é essencial a avaliação na área cultural se apropriar da questão colocada por Hall (1997, p. 41) quando afirma que "uma vez que a cultura regula as práticas e condutas sociais, neste sentido, então, é profundamente importante quem regula a cultura. A regulação da cultura e a regulação através da cultura são, desta forma, íntima e profundamente interligadas".

O documento "Os sistemas bibliotecários públicos – indicadores para a avaliação de seu impacto e de sua gestão" do Cerlalc (2015, p. 52), na perspectiva das bibliotecas como dispositivos educativos e culturais, afirma que "a gestão da informação e do conhecimento tem a ver com a sua produção, circulação, acesso e apropriação social" e que essa gestão diz respeito "ao conjunto encadeado de processos de produção, distribuição, marketing, apropriação, uso de conjuntos de dados, teorias, conceitos, interpretações e análise de realidades". O documento (PAEZ URDANETA, 1992, apud CERLALC, 2015, p. 52) também define: *conhecimento* como "um conjunto de estruturas conceituais socialmente relevantes que permitem compreender e atuar de forma mais pertinente e assertiva na realidade"; *informações* como "conjuntos de dados significativamente organizados e [...] matéria-prima do conhecimento"; *dados* como "registros

ou sinais icônicos e simbólicos por meio dos quais fatos, conceitos ou instruções são representados e [...] matéria-prima da informação".

Nesse sentido, Silva e Oliveira (2019, p. 7) nos alertam sobre como as instâncias de poder, públicas e privadas, têm feito a utilização dos indicadores com "caráter justificativo" e que frequentemente o indicador é "construído ou publicizado a partir de metodologias que acenem para os resultados esperados, garantindo a legitimação das ações de seu difusor". Os autores (2019, p. 7) ainda destacam que, com a intenção de manter "o projeto de poder em andamento", essas instâncias preterem o estudo científico, em função de seu "caráter argumentativo [...] que não enxerga nos indicadores um fim, mas antes, uma ferramenta de reflexão sobre as variações"; tal ação demonstra "uma tensa relação entre o saber e a legitimidade do poder".

Aviso semelhante é feito por Scriven (2018, p. 79) quando revela que a maior parte das avaliações ainda é contratada por gestores que possuem "algum interesse direto pelo que está sendo avaliado" e que isso exibe o caráter enviesado dos estudos, que abarcam meramente um sentido de monitoramento do andamento das metas do projeto, em contraposição com uma avaliação que preze contribuições e perspectivas dos públicos. O autor (2018, p. 124-125) reforça que "o problema é que a avaliação de programas foi – e em grande parte ainda é – instigada ou controlada por gerentes", que objetivam o sucesso dos projetos com uma avaliação baseada apenas em finalidades, distanciando o estudo avaliativo de estabelecer diálogo com os públicos envolvidos.

Os sistemas de avaliação, objeto do trabalho, são lentes que fornecem chaves à atribuição de valores a partir de contextos, entendimentos, interesses, ideologias, concepções, princípios de ordens diversas. Nesses termos, os sistemas avaliativos são dispositivos que criam significados. Para o estudo fica clara a necessidade de avançar na discussão e definição concreta de significado e pertinência de programas de formação continuada de profissionais de bibliotecas públicas, e na construção de instrumentos e parâmetros que deem conta do delineamento da avaliação e de indicadores culturais dessas ações. Se não houver dúvida, nada será mudado. É preciso desnaturalizar alguns modelos avaliativos apresentados, bem como questionar a conformação com a falta ou a estagnação deles em ações formativas de profissionais de bibliotecas públicas, já que são ações continuadas, capilarizadas e com escala regional e estadual, passíveis de terem aprendizagens e impactos avaliados.

1.2.2 Gestão de bibliotecas públicas: do planejamento à avaliação

Tendo como base os princípios da contextualização, por meio dos processos de avaliação e planejamento, há a possibilidade de construção de uma lógica de compreensão da relação entre os diferentes níveis de resultados e a transformação almejada pelas bibliotecas públicas paulistas enquanto sistema estadual. A proposta dos processos avaliativos é de colaborar para a elaboração de novas e aperfeiçoadas ações no futuro, de relacionar análises sobre estratégias e resultados, e de promover um envolvimento crescente das equipes dos equipamentos nas reflexões e no desenvolvimento organizacional. De acordo com Romão (2011, p. 108):

> Não é possível estabelecer com relativa precisão o que se pretende avaliar, se não se determina, com a mesma precisão, o que se quer atingir com o planejamento. É claro que esta "precisão" é relativa, pois o plano não é uma camisa de força, mas um roteiro de metas, objetivos e procedimentos, com um mínimo de flexibilidade, para permitir ajustes ao longo da aprendizagem, em função das alterações contextuais exigidas em todo e qualquer processo de relacionamento humano.

Realizar reuniões de planejamento das áreas que compõem a biblioteca pode auxiliar na definição das questões e do que será avaliado ao longo do período estipulado, além de escolha, construção e atualização dos instrumentos de coleta e formas de pesquisa e mensuração. Por meio da discussão interna das análises parciais (monitoramento) e da avaliação dos resultados mensurados, quantitativa e qualitativamente, os quadros profissionais têm a oportunidade de olhar de forma ampliada para o que é feito nos programas, nas ações e nos serviços.

Um ponto essencial do ciclo planejamento-avaliação é investir esforços para o fortalecimento da gestão da biblioteca, de forma a constituir/realizar ações cada vez mais qualificadas e de gerar impactos positivos com as comunidades que dialoga. Nesse sentido, a avaliação constitui-se como um dos processos que pode contribuir para criar espaços de reflexão que qualifiquem a prática das equipes bibliotecárias.

É imprescindível que o ciclo planejamento-avaliação gere oportunidade de desenvolvimento de habilidades sociais às lideranças desses dispositivos, possibilitando que as reflexões geradas com a avaliação possam ser produzidas e implementadas junto com as equipes. O foco central, em outros termos, é capilarizar aprendizagens obtidas nos processos de planejamento, execução, monitoramento e avaliação, de modo que estes sejam integrados nas reflexões sobre objetivos e funções pretendidos pela biblioteca pública nos contextos em que se inserem, na contemporaneidade.

1.2.3 Ações formativas de profissionais de bibliotecas públicas paulistas: características

Promover a formação continuada dos quadros profissionais dos campos das bibliotecas, da leitura e da literatura é uma das principais ações do SisEB desde 2011. As ações de capacitação partem do levantamento de necessidades realizado junto às equipes das bibliotecas que integram o Sistema, com base em levantamentos sistemáticos anuais, a partir das avaliações propostas. Também são considerados temas inovadores que venham sendo discutidos em bibliotecas no Brasil e no exterior.

As ações de qualificação acontecem nos formatos presencial, virtual e a distância (ensino a distância) e incluem atividades realizadas em bibliotecas públicas parceiras, espraiadas pelo território estadual, descentralizando a programação.

O site do SisEB[3] engloba a agenda de formações, além de informações e atualizações sobre outras ações formativas da rede, como o Seminário Internacional Biblioteca Viva e a publicação do caderno *Notas de Biblioteca*, dirigida aos profissionais que trabalham em bibliotecas e espaços de leitura.

Esses três projetos de qualificação profissional (capacitações, seminário e publicação), articulados com outros tantos realizados no contexto do SisEB e das Bibliotecas de São Paulo e Parque Villa-Lobos (até o momento, as duas únicas bibliotecas públicas estaduais de São Paulo), colaboram para fomentar reflexões, diálogos e práticas para o desenvolvimento da biblioteca pública contemporânea concatenada com suas funções e realidades.

Desde 2012 as atividades de formação de e para os profissionais do SisEB contam com o apoio de prestação de serviço especializada em seu processo de monitoramento e avaliação, feita em parceria com a organização social responsável pela gestão de suas ações para a SECEC. A metodologia adotada é permeada por três grandes etapas de trabalho, assim organizadas:

> 1) Planejamento: define o objeto avaliado para o ano e os instrumentos de coleta; valida as estratégias e realiza análises parciais das informações. 2) Coletas periódicas: são transformadas em material fundante de análises aprofundadas e em relatórios. 3) Discussão do material produzido: gera reorientações às ações desenvolvidas e unidade de propósito. (RUPRECHT; SANT'ANA, 2020)

[3] http://siseb.sp.gov.br/.

Busca-se, dessa forma, garantir a transparência ao processo, relevância ao trabalho e potencializar os públicos alcançados. A consultoria tem como principal premissa a avaliação para o desenvolvimento social.

Com base no trabalho já realizado, utilizamos, para estudo e análise da aplicabilidade da pesquisa, a matriz de avaliação do SisEB (Tabela 1, p. 60), que possui majoritariamente ações e indicadores vinculados à formação técnica e profissional das equipes das bibliotecas paulistas, como o Seminário Internacional Biblioteca Viva, as capacitações presenciais, virtuais e a distância, e as publicações. Após análise, por entender que indicadores e dimensões apresentados na atual matriz não conseguem dar a devida abrangência das dimensões pretendidas pelo planejamento-avaliação de ações formativas, proporemos na seção Resultados a remodelação da matriz avaliativa, tendo como base: 1) aprendizados dos tópicos e das descrições apresentados nos capítulos “O espaço informacional”, “O repertório informacional”, “Os usos” e “Os mediadores” (PIERUCCINI, 2004, p. 63-87, p. 88-91, p. 92-97, p. 170-173); 2) orientações e etapas apresentadas por Moraes e Brandão (2017) para construção de uma matriz avaliativa; 3) variáveis independentes de estratégias das formações: infraestrutura, atendimento e programação; 4) variável composta relacionada à dinamização de bibliotecas: gestão, acervo e programação cultural.

A proposta de reformulação se dá em busca do aperfeiçoamento de dimensões e indicadores, para que dialoguem com as práticas sendo capazes de mensurar critérios avaliativos de eficácia, eficiência, impacto, equidade, sensibilidade e sustentabilidade (CEREZUELA, 2015) das ações formativas de profissionais de bibliotecas públicas paulistas, tendo em vista o aperfeiçoamento dos referenciais que pautam formulação e planejamento estratégico dos programas, produtos e serviços, orientados pelo conceito de mediação cultural.

Sabe-se, de antemão, que resultados da avaliação são significativos, porém incapazes de permitir auferir efeitos e aprendizagens mais profundos. Entretanto, esse limite poder ser minimizado quando se tem claro o que perguntar e como perguntar, dado que tais questionamentos devem estar inscritos no projeto formativo.

Este, por sua vez, deverá necessariamente ancorar sua qualidade em abordagens que ultrapassem perspectivas reprodutivistas, procedimentais ou tecnicistas, considerando-se que o agir profissional em contextos complexos como os das bibliotecas públicas em nosso país demanda sujeitos que disponibilizem conhecimentos e experiência a favor dos objetivos que

embasam a proposta da biblioteca pública como instituição de democracia cultural (PERROTTI; PIERUCCINI, 2014).

Por essas razões, a matriz avaliativa construída para o trabalho focou em avaliar natureza, aprendizagens e resultados da formação e não apenas a satisfação a respeito das atividades.

É importante destacar que a avaliação de impacto é uma possibilidade para se conhecer mais a fundo realidades e transformações, possíveis resultados nas práticas de trabalho desses profissionais participantes dos programas de capacitação. Contudo, o estudo não limita a essa dimensão, tendo em vista evitar reduções sobre a possibilidade da pesquisa ao contexto do SisEB, já que nenhum outro programa de formação terá a mesma conjuntura e também não reproduzirá as ações realizadas pelo Sistema.

1.3 Organização do trabalho

A pesquisa é constituída de dois eixos privilegiados:

a) Pesquisa bibliográfica, com ênfase na discussão de parâmetros conceituais acerca do objeto e dos objetivos em causa na produção do dispositivo avaliativo dialógico, sistematizado no item 2, revisão da literatura. A organização prévia dos referidos parâmetros mostrou-se central à pesquisa por tratar-se de chave à depuração de quantidade significativa de dados e de atribuição de significados a informações acerca dos processos de formação realizados. Conforme é possível observar na Tabela 1 (p. 60), o conjunto de categorias em causa na produção do dispositivo de avaliação exige definições e ordenamentos que respeitem concepções e princípios esclarecidos conceitualmente.

b) Pesquisa documental, com base na sistematização e análise de dados sobre o workshop internacional Mediação: Cultura, Leitura e Território, realizado no âmbito do SisEB em outubro de 2018 no formato presencial.

2 REVISÃO DA LITERATURA

O dispositivo de avaliação dialógico, proposto nesta dissertação, pressupõe um quadro referencial que visa nortear concepções a serem observadas na definição de suas categorias constitutivas. São estas que servirão à orientação e à análise de indicadores coletados e que darão base a avaliação da formação de quadros para as bibliotecas públicas paulistas. Em linhas gerais, são consideradas: a) a biblioteca pública como dispositivo dialógico de mediação cultural e seu potencial nos processos voltados à democracia cultural e à interculturalidade; b) a biblioteca pública na contemporaneidade e os textos oficiais, com adoção do Manifesto da IFLA/Unesco sobre bibliotecas públicas (1994) e dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda ONU 2030; c) as funções da biblioteca pública contemporânea no contexto do SisEB; d) a avaliação de ações culturais e de bibliotecas públicas, e a relação da pesquisa com a publicação *Diretrizes para as Práticas de Avaliação no Brasil*.

2.1 Biblioteca pública: dispositivo dialógico de mediação cultural

O estudo parte da premissa da biblioteca pública contemporânea como dispositivo dialógico de mediação cultural, orientada na modalidade *Biblioteca Forum* (PERROTTI, 2016), isto é, "dispositivo de mediação cultural que reconhece e coloca sujeitos e repertórios culturais diversificados em relações de negociação simbólica, em processos dinâmicos e afirmativos de apropriação e protagonismo cultural tendo em vista a produção de sentidos" (PERROTTI, 2016, p. 20-21).

Dessa forma, essa concepção de biblioteca, que se constitui como dispositivo teórico e prático de mediação cultural, indica um modo de conceber conexões com o conhecimento e como modelo orientador em relação dialética com as práticas. Pode ser compreendida também como dispositivo de acesso à informação e de produção individual e coletiva de conhecimentos, como campo para exercício e promoção da oralidade, da escrita e da leitura – em especial, da leitura literária como lugar de prática das autonomias –, o que a vincula ao "paradigma da apropriação cultural", conforme apresentado por Perrotti (2016, p. 20).

A noção evidencia o potencial desse modelo teórico-prático de biblioteca, cujo princípio orienta-se pela noção de dispositivo como espaço público e lugar de encontro cultural/simbólico entre sujeitos protagonistas culturais com o universo imaterial diversificado – memórias e informações.

A compreensão da importância dessas questões, que desloca a visão da biblioteca como espaço de guarda e circulação de objetos materiais, em especial livros, pode ser enfatizada pelas considerações de Hall (1997, p. 22) ao indicar a "centralidade da cultura", assinalando “a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo". Nesses termos, as pontuações em torno das questões culturais implicam primeiramente indagar sobre seus dispositivos, tendo em vista que as possibilidades de fruir e de produzir cultura pelos membros das sociedades implica a ideia de democracia cultural, conceito que distingue do de democratização cultural, restrito a princípios de distributivismo-acesso aos signos.

A ideia vincula-se a outro aspecto correlato, no âmbito da emancipação cultural dos atores sociais em seus respectivos territórios, entendida como potencialmente capaz de assegurar autonomias e sustentabilidade das ações no campo da mediação cultural por meio de sujeitos que se apropriam e aperfeiçoam práticas conforme necessidades e interesses de cada comunidade e dos lugares onde atuam.

Nesses termos, as esferas do cultural e do intercultural se articulam como forma de diálogo inter e intra grupos, o dentro e o fora das bibliotecas, o interno e o externo das comunidades.

Nesse aspecto, a questão afeta diretamente o objeto deste trabalho, tal como considera Caune (2010), ao tratar da construção de mediação cultural como uma forma de ressaltar as relações entre indivíduos, línguas, formas e organizações, destacando a mediação cultural como categoria central à construção de meios para as relações entre sujeitos e objetos. É nesse ambiente de relações construído pela mediação cultural que a escuta, os processos, a construção dos conhecimentos, as práticas e os processos se inserem, afetam e são afetados por profissionais de bibliotecas públicas.

Sob tal premissa, a articulação entre biblioteca pública e mediação cultural se imbricam, a partir da construção de diálogo entre públicos interno e externo, para compreender processos de apropriação do dispositivo biblioteca pelos sujeitos. Nessa linha, Pieruccini (2004, p. 185) nos mostra que “construir conhecimento, bem como atribuir significado às informações, implicam obrigatoriamente diferentes mediações". Como bem esclarecem Perrotti e Pieruccini (2014, p. 8-9), a noção de mediação “refere-se ao ato de intermediar relações”. Eles elucidam que o termo mediação “remete ao campo das relações, das intermediações sociais entre sujeitos”.

Nesse sentido, bibliotecas públicas enquanto dispositivos dialógicos de mediação cultural se fundamentam como parte importante dos direitos culturais e possuem o compromisso de se (re)orientarem para compartilharem e construírem conhecimento e cultura com suas comunidades, e não apenas ofertarem acervo, serviços e atividades.

2.1.1 Bibliotecas públicas, democracia cultural e interculturalidade

A biblioteca pública contemporânea consonante aos contextos gerais e às demandas das comunidades locais implica o conceito de democracia cultural, permitindo compreender que tanto as escolhas, quanto a inclusão de diferentes vozes sociais sejam consideradas pelo dispositivo. Ainda hoje, a realidade mostra que, em muitas das práticas culturais realizadas em bibliotecas, há um mediador dono das escolhas que vão se sobrepor, de forma subliminar ou explícita, às possibilidades de autonomia do sujeito no profuso universo da biblioteca. À alegação de que as escolhas são difíceis se impõe a voz do *outro,* o gosto do *outro* como opção. A organização, os arranjos, as disposições – o dispositivo biblioteca – (PIERUCCINI, 2004) acabam por engendrar ordens que tanto podem se situar na esfera da democracia ou da democratização cultural.

Para construir reflexão e ação fundamentadas no conceito de democracia cultural, Botelho (2016, p. 45) expõe que "no paradigma de democratização da cultura há uma tendência a considerar a população apenas como público, e não como participante ativa da vida cultural" e que é necessário "investir na produção de arranjos institucionais de tal forma que eles proporcionem a expressão dos interesses substantivos dos indivíduos e dos grupos que compõem a sociedade" (BOTELHO, 2016, p. 47).

A autora (2001, p. 81-82) explica que a democracia cultural "pressupõe a existência não de um público, mas de públicos, no plural" e tem por premissa "favorecer a expressão de subculturas particulares" e prover aos que, historicamente foram excluídos da chamada cultura tradicional, "os meios de desenvolvimento para eles mesmos se cultivarem, segundo suas próprias necessidades e exigências".

É relevante esclarecer que a noção de "democratização da cultura" é preterida no trabalho, pois o conceito remete à ampliação do acesso do público à produção de uma cultura estabelecida, via de regra etnocêntrica, de bases europeizantes. Sob essa ótica, a busca por diminuir desigualdades nas relações com os bens culturais e patrimônio simbólico se daria pela difusão crescente da produção cultural aos circuitos receptores. Os públicos se apresentariam, assim,

apenas como consumidores e não considerados como categoria constitutiva da ordem cultural implícita à biblioteca (democracia cultural), ponto caro para desenvolvimento das funções da biblioteca contemporânea, tendo em vista o diálogo intercultural, ou seja, o estabelecimento de relações simbólicas entre patrimônios/memórias culturais e sujeitos.

Segundo Botelho (2001, p. 82) a noção de "democratização da cultura repousa sobre dois postulados implícitos: só a cultura erudita merece ser difundida; e basta que haja o encontro entre a obra e o público (indiferenciado) para que haja desenvolvimento cultural".

Para corroborar com a distinção, podemos colocar o que discorre Darras (2004, apud PERROTTI; PIERUCCINI, 2014, p. 19), sobre a conexão entre "democracia cultural" em dispositivos culturais. De acordo com os autores, para Darras:

> [...] os dispositivos culturais passam a ser concebidos como instâncias de negociação de signos por sujeitos tomados em sua dimensão de criadores culturais, da mesma forma que os processos de mediação passam a ser entendidos como ato constitutivo dos processos de construção de sentidos e, ele próprio, instância produtora de significação.

A mudança do eixo da democratização da cultura para o da democracia cultural implica políticas efetivas, para as quais a constituição de referenciais consistentes é essencial sobretudo nos âmbitos da formação de profissionais inscritos no contexto concreto das bibliotecas, aos planejamentos e às práticas culturais que a objetivem, tal como elucidam as considerações a seguir:

> [...] permanente tensão, própria da política cultural, entre a manutenção das tradições, da memória, do patrimônio, dos cânones, das instituições, do consagrado, mesmo da cultura popular e periférica vistas a partir de uma óptica cristalizada, e os novos desejos e necessidades da multiplicidade dos sujeitos e grupos que compõem a sociedade e que têm buscado novas maneiras de se colocar no mundo, de significá-lo. (OLIVEIRA, 2018, p. 286)

> [...] a política começa quando há ruptura na distribuição dos espaços e das competências – e incompetências. Começa quando seres destinados a permanecer no espaço invisível do trabalho que não deixa tempo para fazer outra coisa tomam o tempo que não têm para afirmar-se coparticipantes de um modo comum, para mostrar o que não se via, ou fazer ouvir como palavra a discutir o comum aquilo que era ouvido apenas como ruído dos corpos. (RANCIÈRE, 2012, p. 60)

Daí, entender-se a relevância das políticas como forma de mediação, de construção de relação com a cultura do *outro* ou com a cultura já estabelecida, que considerem a interculturalidade como elemento essencial, a favor da permeabilidade simbólica/cultural de valores e de referenciais, tendo-se como perspectiva a reciprocidade de atitudes baseadas na aceitação entre sujeitos e grupos, porém não alimentados por princípios de barbárie (LAMARRE, 2019).

Imaginario (2020) define interculturalidade como "processos de interrelação e comunicação de conhecimentos, códigos, padrões e valores entre diferentes grupos culturais, entendendo que existe igualdade entre os sujeitos, independentemente da posição que ocupem no sistema". A autora (2020) evidencia a complexidade do conceito e apresenta alguns princípios importantes para sua aplicação, tais como: estabelecer relações horizontais, com repulsa a “formas de imposição da cultura hegemônica e marginalização da cultura minoritária”, reconhecer a cidadania e o “direito de exercer a identidade originária dos povos”, e aprender as culturas como “fenômenos dinâmicos”.

O Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e o Caribe (Cerlalc, 2015), coloca os processos de interculturalidade como uma das expressões de cultura mais relevantes para o trabalho das bibliotecas públicas. A instituição (2015, p. 51) destaca a interculturalidade como “interação e diálogo de conhecimentos” que proporcionam “enriquecimento e transformação de quem interage em decorrência dessa interação” e enfatiza que quando esses processos acontecem de formas consciente e intencionada tornam-se “uma estratégia para o enriquecimento ou a proteção da memória, do patrimônio, da identidade e da riqueza cultural de uma comunidade”.

Honorato (2013, p. 2) nos traz a reflexão de que "avançar uma democracia cultural não [...] parece possível sem uma compreensão daquelas complexidades, das diferentes concepções de público, em suas dimensões históricas e culturais".

Contemplando essas complexidades, Meyer-Bisch e Bidault (2014, p. 33) entendem que os direitos culturais devem “garantir que as pessoas possam não apenas distanciar-se de uma referência cultural se assim desejarem, mas também desenvolver as múltiplas dimensões, conciliá-las, decidir, no ritmo e rumo de sua vida, aquelas que são mais importantes, aquelas a que se deve dar primazia”.

Ainda hoje o terreno profissional e as demandas das bibliotecas públicas são postos pelo modelo cultural calcado na ordem política. Britto (2015, p. 41) lembra que:

> [...] as bibliotecas – especialmente as públicas – tenderam, historicamente, a se estruturar em função das demandas e dos interesses dos grupos sociais que detêm o poder político, econômico e cultural. E, ainda que aberta a todos, suas decisões e formas de organização se fizeram, por um longo período, somente para as pessoas inseridas na cultura escrita. A maioria das pessoas – por falta de instrução, de identidade ou até pela dificuldade objetiva de acesso – não se incluía (e ainda não se inclui) no público usuário.

O discurso político predominante segue sendo o da democratização, de cultura para todos, de acesso. Em paralelo, tem adesão da população um ideal de educação e cultura que está inscrito no imaginário das pessoas como possibilidade de atrelar o acesso cultural à ascensão social. Nesse sentido, a ordem da gestão política atua para oferecer para as populações o que é anseio delas, nem que isso signifique desenraizamentos. Esses processos culturais acentuam fraturas culturais, inscritas numa sociedade em construção e massificada. Por esta razão, a abordagem da avaliação na perspectiva da democracia cultural, visa adotar e implicar o diálogo cultural como categoria fundamental. No contexto da biblioteca pública, superar os limites de satisfação do usuário, apresenta-se como possibilidade de enfrentamento de uma ordem que está consolidada, atentando-se aos perigos dos desenraizamentos e do reforço da consolidação desse modelo.

Há a compreensão de que o SisEB pode caminhar para pensar a biblioteca pública numa perspectiva de relações e de vínculos culturais, avançando no universo da mediação cultural/intercultural, desviando-se de rotas exclusivas, calcadas em modelos transmissivistas, de transferência de repertórios culturais. A interculturalidade poderá ser entendida aqui como terceira via que vincula, que constrói elos e que vai além da leitura, sendo as bibliotecas públicas campos possíveis para a sustentação desta noção, pois possuem o traço da liberdade de articulação, de invenção de programas, de possibilidades de inclusão. Dessa forma, como ideal utópico, as bibliotecas podem romper com o modelo ainda vigente da democratização cultural e gerar fissuras no modelo difusionista, consolidando o novo paradigma do diálogo (inter)cultural.

Assim, a matriz avaliativa proposta para o trabalho foi pensada e estruturada para contemplar os princípios de interculturalidade e de democracia cultural, na perspectiva do protagonista cultural (não de usuário), sobretudo no campo da formação. A perspectiva considera, então, o protagonista cultural como sujeito, aquele que se apropriou do contexto, que se entende e é entendido como produtor, criador, como cidadão inscrito num tempo-espaço precisos, com direitos e responsabilidades pelos destinos do patrimônio simbólico da humanidade.

O conceito é promissor, partindo-se do pressuposto que os sujeitos que atuam nas bibliotecas têm formações e experiências diversificadas e que os programas de capacitação continuada demandam considerar a dimensão intercultural, tendo em vista a construção de programas, a redefinição de bibliotecas, acervos, estruturas físicas e tudo o que diz respeito ao dispositivo. O

ponto está em formar sujeitos-profissionais que possam situar as práticas e as ações a partir de novos referenciais para a ordem humana e para a ordem social.

Essas questões embasam-se novamente na noção de Biblioteca Forum apresentada por Perrotti (2016), ao afirmar que:

> [...] o conceito de Biblioteca Forum remete a um tipo de dispositivo de informação educativo que, todavia, não se constitui enquanto tal somente por suas concepções, seus repertórios, seus ambientes, sua programação cultural, sua ordem informacional dialógica (PIERUCCINI, 2004) implícita. O forum, como dispositivo formativo, implica também ações educativas explícitas, indispensáveis aos processos de apropriação cultural na contemporaneidade. Em outras palavras, além de preparar condições e promover diálogos por sua configuração espacial, documentária, seus equipamentos e recursos informacionais, seus códigos de gestão e de relação, suas atividades culturais, o forum realiza ações educativas sistemáticas, envolvendo a apropriação de saberes e metassaberes informacionais, observadas demandas particulares dos diferentes públicos que a frequentam. (PERROTTI, 2016, p. 22)

Os elementos constitutivos do dispositivo Biblioteca Forum mostram-se, assim, unidades concretas a serem consideradas na configuração de uma nova matriz de avaliação-planejamento das formações dos quadros profissionais das bibliotecas públicas, uma vez que a partir deles as noções "abstratas" de democracia cultural e interculturalidade podem ganhar corporalidade/materialidade.

2.2 A biblioteca pública na contemporaneidade: os textos oficiais

Para o trabalho, a biblioteca pública na contemporaneidade estará parametrada por documentos vigentes estabelecidos por dois organismos internacionais, e que abarcam conceitos transversais que envolvem o trabalho de terreno, prático e conceitual desse dispositivo, sob os quais políticas públicas oficiais orientam-se.

2.2.1 Manifesto da Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (IFLA/Unesco)

O Manifesto da IFLA/Unesco sobre Bibliotecas Públicas (1994, p. 1) apresenta a biblioteca como "porta de acesso local ao conhecimento", ou seja, como espaço que "fornece as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais".

A afirmação do Manifesto leva a considerar que culturas, memórias e literaturas também são direitos e princípios de cidadania, como bem afirma Candido (2004, p. 191), quando diz que "uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da

literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável". O autor (CANDIDO, 2004, p. 175) ainda coloca que:

> A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante.

Em diálogo, Meyer-Bisch e Bidault (2014, p. 35) enfatizam que “direitos culturais são direitos humanos em sua totalidade”, entendendo-se que as diferentes dimensões biológica/material, simbólica/imaterial são igualmente constitutivas da nossa identidade como seres do planeta. Por esta razão, criação e manutenção de instituições para cuidar desse patrimônio é projeto milenar, sem o qual o sempiterno nos submeteria a perigos de toda ordem.

Nesse sentido, considerando a relação biblioteca e memória, Koontz e Gubbin (2013, p. 15) afirmam que a biblioteca pública opera, além de responsável pelo recolhimento e pela disponibilização imediata da informação local, “também como guardiã da memória do passado, ao recolher, conservar e facultar o acesso a materiais relacionados com a história da comunidade e dos indivíduos”.

A discussão pode ser associada com a breve passagem sobre memória no Manifesto (1994, p. 1-2), que considera ser fundamental que as coleções e serviços “sejam de elevada qualidade e adequadas às necessidades e condições locais. As coleções devem refletir as tendências atuais e a evolução da sociedade, bem como a memória da humanidade e o produto da sua imaginação”, questões essas que reforçam a ideia da biblioteca pública como dispositivo de mediação entre tempos, culturas, grupos que dão sustentação ao pressuposto de democracia cultural.

Para o Cerlalc (2015, p. 51) uma das quatro expressões culturais que contribui para o trabalho das bibliotecas públicas é “a memória e o patrimônio”, ambos apresentados como “dispositivos e conhecimentos que criam e recriam permanentemente uma comunidade para encontrar sentido e identidade em seu presente”. Especificadamente sobre a memória, a instituição (2015, p. 51) ressalta que ela alcança “imaginários coletivos do passado, presente e futuro, que permitem às pessoas, aos indivíduos e aos grupos de uma comunidade se sentirem parte de uma história e de um projeto coletivo”.

Nesses termos, a biblioteca não será apenas lugar de oferta informacional, mas espaço onde os sujeitos possam construir uma experiência significativa com a matéria simbólica. De acordo

com Pieruccini (2020) a *experiência* é categoria constitutiva da memória cultural de um grupo, que se estabelece na esfera do público. Para ela, o processo de construção da *experiência* implica: a) ambiente e espaço diferenciado que acolha o indivíduo; b) dinâmica e formas próprias de produção do fazer cultural; c) modo de articulação dessas experiências em respeito aos contextos em que estão conectadas.

A colocação de Oliveira (2018, p. 288) de que "a experiência ocorre quando podemos subjetivá-la", também nos instiga a relacionar experiência e memória, questão que se explicita ao considerar-se o desempenho da biblioteca em seu papel estratégico como espaço público para exercício das memórias e da memória social (PIERUCCINI, 2020). O êxito desse empreendimento contemporâneo, remete à inclusão de seus públicos (internos e externos) como categoria central, reconhecendo seus saberes e suas memórias, elementos da negociação simbólica com o patrimônio cultural existente. Aí está um desafio a ser incorporado na construção de planos e políticas de ação institucionais.

A *experiência*, portanto, resultado da reelaboração das vivências pela linguagem (BENJAMIN, 1996) levou Krenak (2019, p. 24) a considerar, citando Boaventura de Sousa Santos, que "a ecologia dos saberes deveria integrar nossa experiência cotidiana, inspirar nossas escolhas sobre o lugar em que queremos viver, nossa experiência como comunidade", ao mesmo tempo em que nos conta uma história e produz valor.

Assim, a memória, como consciência crítica (Krenak, 2020) e como parte constituinte da biblioteca contemporânea, é fundamental para garantir o fortalecimento e a permanência de suas ações e existência.

O debate acerca da memória/das memórias e da *experiência*, portanto, abre um outro eixo a ser considerado como referência à biblioteca pública. Sob esse enfoque, não se trata exclusivamente da memória produzida nos circuitos tradicionais letrados, mas daquelas construídas por todos os sujeitos, nas dinâmicas socioculturais em geral e que, ao serem reinseridas nos dispositivos culturais como a biblioteca, constituem formas de criar e sustentar vínculos com todos os cidadãos, estejam eles integrados aos circuitos culturais, marginais a eles ou em situação de extrema/total vulnerabilidade social (ALBERTO, 2017).

O foco no protagonismo do sujeito e dos grupos organizados, e na história comunitária firma as bibliotecas como lugares de saúde e bem-estar, uma vez que abre possibilidades à apropriação das memórias, das identidades e das alteridades culturais, elementos indicativos de

resgate da visibilidade e da importância de cada um e de todos. O documento do Cerlalc (2015, p. 51) destaca que “as leituras, os escritos e a oralidade” também compõem parte significativa do capital cultural das bibliotecas públicas, pois, juntos, enquanto expressões culturais que apoiam o trabalho desenvolvido nesses equipamentos, são “processos de criação, recriação, circulação e apropriação social das linguagens orais e escritas”.

Com base nas referências trazidas até aqui, entende-se que história e memórias estão interligadas à constituição das identidades dos grupos, ao fortalecimento de concepções e visões de mundo. Todos nós temos direito e compromissos com a produção da memória social; engajar colaboradores, públicos e parceiros da biblioteca para engendrar e compartilhar suas histórias, é meio para vivenciar a democracia cultural e a produção de conhecimentos, onde se vincula o estudo da avaliação.

Compreender a biblioteca pública, portanto, como cenário para produzir novas histórias permite considerá-la como instância do repensar e reordenar padrões e valores muitas vezes assumidos como absolutos. Com a perspectiva da construção coletiva da memória, partindo das histórias e das percepções pessoais e individuais de públicos e equipes, por meio da avaliação como dispositivo dialógico, a pesquisa buscou colaborar para o enfrentamento dos desafios sociais que a biblioteca apresenta, bem como apoiar o cumprimento de suas funções contemporâneas. Nesse sentido, Britto (2015, p. 42) nos alerta que:

> A necessidade de responder a demandas práticas e a submissão a critérios de avalição fundamentados no modelo de eficiência e produtividade têm levado as bibliotecas a desenvolver atividades de arte e cultura aligeiradas, descuidando-se da disseminação da cultura e do conhecimento, da produção e do registro de memória, mais amplamente, e de formação cultural.

A memória é um trabalho de continuidade, de perenidade, e é fundamento imprescindível para sustentar o objeto da pesquisa, pois conversa diretamente com a biblioteca como dispositivo dialógico de mediação cultural e a avaliação como instrumento de construção e organização do conhecimento e da informação. Por esse recorte a pesquisa buscou elementos para observar e compreender os indicadores de avaliação.

2.2.2 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU): referências para avaliação

A Agenda 2030 da ONU se apresenta como uma direção posicionada que justifica a (re)construção de indicadores no campo da biblioteca pública, definida como “um marco

inclusivo, integrada por 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável que englobam metas econômicas, ambientais e sociais" (IFLA, 2016, p. 3). As questões culturais permeiam diversos objetivos e a agenda coloca a igualdade e a dignidade das pessoas no centro e convida a uma transformação no modo de desenvolvimento social.

Antecipando esse movimento para compreender como a área cultural dá conta teórica e pragmaticamente dos ODS que seriam lançados, a organização mundial United Cities and Local Governments (UCLG) já explicava e sugeria ações de como as tecnologias podem colaborar para a construção de cidadania e para a pluralidade, pontos estimados na sustentação da biblioteca contemporânea.

> As organizações que trabalham com a informação e o conhecimento, tais como bibliotecas, arquivos, museus, organizações da sociedade civil ou da comunicação social, podem proporcionar informação sobre os direitos culturais e os serviços públicos. Esta informação é determinante para conferir poder às pessoas e às comunidades locais. Estas organizações podem, igualmente, criar relacionamentos entre os agentes e facilitar o intercâmbio de práticas; contribuir para preservar e garantir o acesso contínuo ao património cultural; criar fóruns e debates públicos; e oferecer meios aos cidadãos para estes acederem à informação, para a compreenderem e, portanto, para dela se apropriarem. (UCLG, 2015, p. 32)

A passagem dialoga com o documento do Cerlalc (2015, p. 52) que afirma que "informação e conhecimento de qualidade têm a ver com ser relevante e útil para o desenvolvimento pessoal e comunitário da população de um território", e explicita como bibliotecas se fundamentam como parte importante dos direitos culturais e possuem o compromisso de auxiliar a implementação dos ODS, que colocam diversos desafios para a biblioteca contemporânea, que pode colaborar com os governos locais e agentes societais e se posicionar como campo para implementação da Agenda.

Em 2016, a IFLA, ativa integrante da Culture 2030 Goal Campaing, elaborou uma publicação intitulada *Access and opportunity for all: how libraries contribute to the United Nations 2030 Agenda* (Acesso e oportunidade para todos: como as bibliotecas contribuem para a Agenda de 2030 das Nações Unidas), apresentando individualmente cada objetivo, como este se relaciona com as bibliotecas e utilizando exemplos práticos, através de experiências e ações em diversos países. A organização ainda expõe (2016) que o desenvolvimento sustentável das comunidades e a melhoria na qualidade de vida dos indivíduos é facilitado pelo uso e apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e também pelo acesso à informação qualificada, no tempo certo e da maneira correta. A estrutura desse documento e diversos outros disponibilizados no site da Federação, com tradução para diferentes idiomas, auxilia bibliotecas

a pensarem organizadamente como podem e estão colaborando com suas comunidades, além de possibilitar que esse equipamento se envolva de forma mais eficiente com governos e organizações locais.

No âmbito dos sistemas de bibliotecas públicas, o Cerlalc (2015) elenca quatro expressões de capital social – por capital social se entende o acumulado de manifestações de relações de confiança, valores para a convivência coletiva, formas de organização social e conhecimento socialmente construído que tem uma sociedade (CERLALC, 2015) – importantes para o trabalho em rede desenvolvido com as bibliotecas: 1) Fortalecimento organizacional e associatividade, para criação e fortalecimento de e entre instituições; 2) Participação na gestão do desenvolvimento local, com intervenções de incidência social, política e econômica; 3) Inclusão com enfoque diferencial, para exercício pleno da cidadania e usufruto de condições para uma vida digna; 4) Utilização democrática de informação, conhecimentos e TICs, para facilitar usos, acessos e circulação.

Nesse sentido, se estabelece mais um desafio para a aplicabilidade do presente trabalho, que entende que a avaliação de ações formativas de profissionais bibliotecários, por meio da análise de indicadores quantitativos e qualitativos para remodelação da matriz avaliativa, deve explicitar como as bibliotecas públicas vêm cumprindo os ODS, como parceiras da Agenda 2030 para o desenvolvimento de seus públicos e de suas comunidades.

2.3 Biblioteca pública contemporânea: o contexto do SisEB

Para o trabalho, em função do recorte e território estabelecidos (bibliotecas públicas paulistas), adotaremos as determinações estabelecidas como funções e princípios norteadores para as bibliotecas públicas contemporâneas apresentados na última versão do documento Diretrizes da Política de Bibliotecas Públicas do Estado de São Paulo (SISEB, 2021). Sabe-se que esses papéis e preceitos têm como base as funções do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas do Chile (SNBP Chile) e os princípios da Rede Distrital de Bibliotecas Públicas de Bogotá, Colômbia (BibloRed).

De acordo com o documento (SISEB, 2021), são quatro as funções das bibliotecas públicas: cultural e patrimonial; social; educativa; econômica.

Para cumprir sua *função cultural e patrimonial*, a biblioteca se apresenta como ambiente de acesso, fruição, produção, preservação e divulgação de linguagens artísticas, culturas,

memórias, informações e conhecimentos. Deve contribuir para fortalecimento do patrimônio cultural (bens, manifestações, tradições materiais e imateriais de valor cultural) já estabelecido, bem como fomentar, reconhecer, valorizar, registrar e divulgar patrimônios outros, que envolvem saberes, histórias, memórias, práticas culturais e expressões da vida cotidiana de pessoas e grupos de seus territórios (SISEB, 2021).

Sua *função social*, de enfrentamento às disparidades sociais e aos fenômenos de desinformação, se leva a cabo com o posicionamento de seu espaço como integralmente público, como praça para encontros, diálogos, aprendizagens, pesquisas, lazer, entretenimento e acesso gratuito à internet, às tecnologias e à informação qualificada. Caracteriza-se assim como campo democrático de participação e convivência social, de produção individual e coletiva de conhecimentos, vivências e experiências, possibilitando o exercício dos direitos humanos e culturais de seus públicos (SISEB, 2021).

Em sua *função educativa*, a biblioteca oferece e incentiva acesso e apropriação de seus acervos e de seu espaço físico, para promoção de aprendizagens permanentes, trocas, acesso às diferentes fontes de informação, linguagens, formas de expressão e tecnologias, contribuindo para a ampliação dos saberes e para a formação integral de seus públicos e de suas comunidades locais (SISEB, 2021).

Para reforçar esse preceito, é possível trazer Morales (2006, p. 330) que indica a biblioteca como o local “mais interdisciplinar, multicultural e plural, oferecendo-nos mil e uma possibilidades para observar o mundo”.

Por fim, é colocada a *função econômica* da biblioteca, para apoiar o desenvolvimento político e socioeconômico de usuários, territórios, comunidades e cidades, com ações que incentivem a participação cidadã, o reconhecimento e a ampliação de conhecimentos e fazeres artístico-culturais (SISEB, 2021). Ademais, na perspectiva da economia criativa, a biblioteca deve ser campo de experimentação e formação para artistas e produtores culturais, criando, junto à organização a que está vinculada, mecanismos e instrumentos que fortaleçam a política cultural e que permitam parcerias público-privadas a fim de viabilizar recursos e infraestrutura para todas as outras bibliotecas, trabalhando em conjunto com uma rede, para cooperar e suprir com as deficiências umas das outras (MORAES, 1983).

No tocante ao debate sobre os princípios norteadores da biblioteca contemporânea, do preceito da *igualdade* emerge a biblioteca como dispositivo dialógico, de enfrentamento às diferenças e

desigualdade sociais, de acesso público, gratuito e promotor dos direitos humanos e culturais dos indivíduos (SISEB, 2021).

Para corroborar com a escolha do termo *igualdade*, vale exibir a contribuição de Amparo (2019), que explica que "diversidade oferece uma linguagem importante para avançarmos em debates sobre desigualdade, mas também podem fazê-lo de forma perversa. Igualdade, por outro lado, permite uma gramática mais potente para pensarmos questões estruturais". Igualdade/semelhança/identidade e desigualdade/diferença-diferente/alteridade são questões que precisam ser consideradas na dinâmica dialógica.

Na sequência, o princípio de *liberdade* se apresenta por uma biblioteca como local para expressar-se livremente sobre escolhas do que, como e quando ler, bem como de acesso à informação qualificada e responsável, isenta de censura religiosa, política e ideológica (SISEB, 2021).

O fundamento da *participação* apresenta a biblioteca pública como campo de experimentação e expressão de seu território, considerando seu caráter institucional, o tempo, o terreno e a estrutura de relações (SISEB, 2021). A colocação de Courtis (2015, p. 17) nos ajuda a fechar o ciclo dos princípios, pois apresenta o "direito de participar da vida cultural como uma liberdade". Em outros termos, direito à participação de todos no mundo simbólico, em equilíbrio de condições de trocas culturais.

2.4 Avaliação em ações culturais e de bibliotecas públicas

No cenário cultural como um todo, além da diversidade de tipologia dos projetos, há muitos aspectos invisíveis e não mensuráveis, mas que também merecem e podem ser avaliados. Isso dificulta a construção e a consolidação de indicadores na área. Segundo Botelho (2016, p. 147):

> Para que a pesquisa em política cultural possa informar, de alguma maneira, as decisões na matéria, é necessário que cubra a promoção de estudos, a produção de bases estatísticas e a documentação. A partir daí, têm-se critérios mais objetivos que funcionam como instrumentos auxiliares para a formulação de políticas públicas.

No campo das políticas culturais, Portier, Ricci e Bourdon (1990, p. 90, apud CUNHA FILHO, 2015, p. 29-30) rememoram que os direitos culturais tornam-se indispensáveis pela necessidade de organizar programas e serviços realizados, o que consequentemente cria, no âmbito do Estado, o "poder de polícia cultural", e ao mesmo tempo gera mais interações culturais, das quais decorrem "natural crescimento quantitativo e qualitativo de litígios culturais, que passam

a exigir parâmetros para sua solução". Em complementação, podemos colocar o que afirmam Meyer-Bisch e Bidault (2014, p. 25) do dever das instituições, "no âmbito de suas competências e responsabilidade específicas", em "contribuir para o desenvolvimento de mecanismos comuns de avaliação e de controle transparentes e efetivos".

Como afirma Jannuzzi (2016), para fazer frente aos recursos das políticas públicas é importante o indicador de impacto, pois traz os valores constitucionais. Isso porque não será a lógica da eficiência que garantirá continuidade e legitimidade dessas políticas. Assim, é necessário: o usufruto e impacto para o bem-estar social; a cobertura populacional e regional; a equidade de acesso por gênero, etnia, faixa de renda, escolaridade, etc.; a contribuição para consolidação de valores de cidadania, diversidade cultural e coesão social; a sustentabilidade ambiental. São princípios que orientam uma visão de avaliação para além do procedimental, inscrevendo-se no campo político.

Para este trabalho, compreenderemos indicadores de impacto "como aqueles referentes à melhoria das condições de vida de uma população ou território" (CERLALC, 2015, p. 61).

Considerando os critérios de avaliação, adotaremos as definições de: 1) Scriven (2018, p. 166), que coloca a avaliação de impacto como uma "avaliação focada nos desfechos ou na recompensa, em vez de fazer a avaliação de processos, da entrega ou da implementação"; 2) Cerezuela (2015, p. 214) que ressalta "a importância de medir o impacto do projeto a longo prazo, [...] da finalidade do projeto".

Segundo Botelho (2011, p. 81), a periocidade regular da realização de ações culturais "possibilita análise serial e o questionamento das grandes estratégias políticas governamentais". Dessa maneira, podemos concatenar a avaliação como parte essencial da política cultural e das tomadas de decisão quando Olliveira (2020) enfatiza que "[...] a dependência do dado público nos deixa refém do tipo de discurso que o poder público quer fazer". Assim, fica claro que a avaliação pode ser um dos instrumentos para apresentar resultados e impactos, bem como evidenciar benefícios de forma concreta aos gestores públicos, sociedade civil e possíveis parceiros e patrocinadores das bibliotecas públicas.

Complementando a problematização de Olliveira (2020), Scriven (2018, p. 34) explicita que "uma abordagem mais direta seria dizer que a avaliação possui dois braços, e apenas um deles trabalha na coleta de dados. O outro braço coleta, esclarece e verifica valores e padrões relevantes". O autor (2018, p. 80) enfatiza que "avaliar – e bem – é importante em termos

pragmáticos porque produtos e serviços ruins custam vidas e a saúde de pessoas, destroem a qualidade de vida, e causam o desperdício de recursos dos que não têm condições de desperdiçar".

No campo da biblioteca pública, o monitoramento e a avaliação dos programas de formação continuada de profissionais desses dispositivos ainda estão vinculados predominantemente à eficácia e à sensibilidade (satisfação), sendo que os critérios de eficiência, impacto, equidade e sustentabilidade são inexistentes. Silva e Oliveira (2019, p. 16) colocam a problemática da política pública cultural dar conta de "aferir com muito mais propriedade e profundidade a mecânica de seus processos internos do que suas reverberações na trajetória e cotidiano dos públicos envolvidos". Aqui, é importante destacar que todo e qualquer trabalho que pesquise mudanças de atitudes, posturas e comportamentos (transformações simbólicas) em contingentes populacionais implica estudos longitudinais de grupo.

Para sustentar a afirmação, Scriven (2018, p. 230) explica que "o contexto tem um aspecto longitudinal (histórico, diacrônico) e transversal (concomitante, sincrônico). [...] O contexto com frequência é crucial para a identificação da causalidade e para identificar termos contextualmente avaliativos".

Ademais, é indispensável, para estreitar os laços com os usuários (internos e externos), desenvolver e publicizar de forma atrativa e estratégica os resultados e impactos das avaliações quantitativa e qualitativa, pois, como explica Frohmann (2008, p. 21), o "caráter público e social da informação" depende da materialidade.

No sentindo da proposta do trabalho, entende-se essencial que as bibliotecas públicas sejam compostas por equipes com profissionais especializados e afinados com os processos de avaliação nas áreas de cultura, leitura, literatura e biblioteca. Constata-se uma carência de profissionais capacitados, alinhados e comprometidos com as práticas avaliativas, sobretudo no setor público. "Sem a avaliação não existe a possibilidade de apresentar resultados, tanto para a equipe quanto para os patrocinadores, os apoiadores e a comunidade" (OLIVIERI; NATALE, 2013, p. 36). Complementando a reflexão, Meneses (2009, p. 34) coloca a importância de "começarmos a rever nossa postura a respeito do valor e da avaliação (reconhecimento do valor), sem excluir a perspectiva do especialista, [...] mas sempre privilegiando aquela do usuário, do fruidor [...]". No caminho da avaliação da esfera educacional, Romão (2011, p. 13) afirma que "aos Estados [...] faltam quadros com capacidade técnico-profissional para levarem

adiante um programa sistemático de desempenho dos recursos humanos voltados para o ensino e para a avaliação institucional". O autor (2011, p. 18) ainda destaca que "[...] tanto nos cursos de docentes quanto nas eventuais capacitações, atualizações e aperfeiçoamentos, o tema da avaliação tem sido pouco trabalhado".

Em complementação, Calil (2012, p. 85) defende que a construção e uso de indicadores "como linguagem comum, inteligível e significante" facilita a comunicação entre interlocutores e públicos envolvidos nos projetos, para além do processo de avaliação. A autora (2012, p. 84) reforça que "um dos potenciais mais fortes dos indicadores [...] reside em sua capacidade de produzir conhecimento novo a partir da própria experiência e enriquecer a prática institucional com essas aprendizagens".

2.4.1 Diretrizes para as Práticas de Avaliação no Brasil

Para as discussões sobre monitoramento e avaliação em bibliotecas públicas, adotaremos a publicação *Diretrizes para as Práticas de Avaliação no Brasil* (SILVA; JOPPERT; GASPARINI, 2020), que apresenta 26 diretrizes que "estão distribuídas em quatro dimensões interdependentes que tratam de características desejáveis às avalições" (SILVA; JOPPERT; GASPARINI, 2020, p. 11). Vale destacar que a obra abarcou debates atuais e importantes para condução do conteúdo apresentado, como os ODSs. O documento será uma das bases conceituais para a proposta de construção/remodelação do instrumento de avaliação, implícito no objeto da pesquisa.

Posto isto, penetramos nas recomendações dadas a cada dimensão, significativas para o prosseguimento do trabalho e definição de métodos e instrumentos de coleta.

A dimensão Aprendizagem e Utilização (SILVA; JOPPERT; GASPARINI, 2020, p. 13) indica que "as avaliações devem dialogar e responder às necessidades de informação e conhecimento dos interessados, favorecendo que eles aprendam sobre o objeto avaliado, ampliando seus níveis de análise, reflexão, compreensão e apropriação". Ainda destaca que "é com base em processos e produtos que favoreçam a aprendizagem que as avaliações podem tornar-se relevantes aos interessados e embasar a formulação, decisão, prestação de contas, ampliação de conhecimento e deliberação". Essa primeira grandeza auxilia a suster a afirmação do objeto de pesquisa, que entende a avaliação como dispositivo dialógico e instrumento de organização do conhecimento e da informação.

Direitos e Integridade (SILVA; JOPPERT; GASPARINI, 2020, p. 16) recomenda que as avaliações adotem métodos de pesquisa que considerem “a integridade, a segurança e o lugar social” dos públicos envolvidos, além de respeitar os pressupostos legais e regulamentares em vigência. Indica também que as avaliações devem ser validadas entre os sujeitos interessados por considerar e respeitar direitos e concepções culturais, sociais e políticas.

A grandeza Contextualização e Valoração (SILVA; JOPPERT; GASPARINI, 2020, p. 20) discorre sobre o conceito de critério que abarca as noções de “variável, indicador, marcador, índice, parâmetro e rubrica, tanto para a tarefa de eleger aspectos prioritários do objeto a serem examinados, quanto para definir maneiras de valorá-los”, pontos importantes no desenvolvimento do quadro referencial teórico da pesquisa, que tem como objeto o estudo de indicadores quantitativos e qualitativos de ações de formação continuada de profissionais de bibliotecas públicas paulistas. Esta dimensão aponta que as avaliações devem dar conta de construir, selecionar e ilustrar “critérios tecnicamente consistentes, contextualmente apropriados, que tenham sentido para os interessados e que sejam adequados para responder às perguntas avaliativas e alcançar as finalidades às quais as avaliações se destinam” (SILVA; JOPPERT; GASPARINI, 2020, p. 20).

Por fim, mas não em ordem hierárquica e/ou sequencial, a dimensão Método e Viabilidade (SILVA; JOPPERT; GASPARINI, 2020, p. 22) recomenda que “as avaliações devem reconhecer e responder aos contextos nos quais são realizadas”. Além disso, indica que as avaliações devem atrelar a utilização acertada de procedimentos científicos e “ser geridas de modo cuidadoso, transparente e flexível”, contando com equipes e profissionais qualificados e preparados. Também entende a necessidade de adotar metodologias robustas, “que respondam ao objeto avaliado e às finalidades da avaliação”. Essa última grandeza dialoga diretamente com o objeto de pesquisa, pois corrobora a necessidade da formação e qualificação de profissionais, tanto para atuação no campo do dispositivo como no da avaliação.

A avaliação enquanto disciplina autônoma tem estrutura, multidisciplinariedade no método e complexidades para dar conta de transformações, adaptações e impactos das bibliotecas públicas. Dessa maneira, é possível propor o enraizamento da avaliação de forma teorizada, pragmática, estratégica e aberta, passível de ser ilustrada e construída coletivamente, com linguagem acessível para todos os parceiros e públicos, a fim de evidenciar aprendizagens, contextos, processos, resultados, impactos, recomendações e utilização.

3 ANÁLISE DO DISPOSITIVO DE AVALIAÇÃO DA FORMAÇÃO

Esta seção apresenta método e elementos de análise aplicados à abordagem do objeto empírico, apresentando indicadores e resultados das avaliações de participantes e facilitadores do workshop internacional Mediação: Cultura, Leitura e Território, realizado presencialmente em outubro de 2018 no âmbito do SisEB. Os resultados obtidos, articulados a referenciais apontados nas seções anteriores, busca viabilizar a sistematização de pontos necessários à construção de nova proposta de matriz de indicadores de avaliação da formação de profissionais de bibliotecas públicas.

3.1 Enfoque e abordagem dos dados

O estudo tem enfoque misto e alcance descritivo. O desenho de pesquisa é o incrustado concomitante de modelo dominante (quantitativo com foco principal, com elementos qualitativos na perspectiva secundária), uma vez que dados quantitativos e qualitativos foram coletados concomitantemente.

Com o estudo descritivo, a pesquisa visa "[...] especificar as propriedades, as características e os perfis de pessoas, grupos, comunidades, processos, objetos ou qualquer outro fenômeno que se submeta a uma análise. [...] seu objetivo não é indicar como estas se relacionam" (SAMPIERI, 2013, p. 102).

Considerando-se que a pesquisa é de natureza não experimental (*ex post facto*), busca-se, conforme define Amaral (2020), estudar um evento que já aconteceu, tendo em vista compreender suas causas e consequências, manipulando-se uma ou mais variáveis independentes, aspecto que não implica necessidade de criação de grupos de tratamento e controle, bastando somente a coleta dos dados vinculados aos grupos a serem analisados.

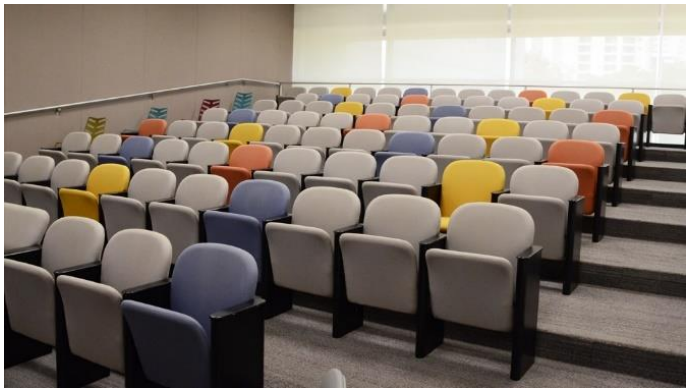
Em relação à opção pelo desenho incrustado concomitante de modelo dominante, acompanhando Sampieri (2013, p. 575) entendemos que "esse desenho costuma proporcionar uma visão mais ampla do fenômeno estudado do que se usássemos só um método". O autor (2013, p. 575) ainda esclarece que "uma vantagem enorme desse modelo é que [...] o pesquisador pode ter uma visão mais completa e holística do problema de estudo, isto é, consegue obter os pontos fortes da análise QUAN e QUAL".

3.2 Contexto do estudo

A análise tomou por base os processos de avaliação das ações formativas presenciais realizadas no âmbito do SisEB com a efetivação de capacitação sobre o tema *mediação*. De 22 a 26 de outubro de 2018 aconteceu o workshop internacional Mediação: Cultura, Leitura e Território, sediado no auditório (Figura 1) da Biblioteca (estadual) de São Paulo (Figura 2), na cidade de São Paulo, no bairro de Santana, localizada no Parque da Juventude. O evento contou com a curadoria de Dolores Prades (Instituto Emília) e equipe SP Leituras, e abarcou nove atividades no formato presencial, com carga horária total de 35 horas.

Figura 1 – Auditório da Biblioteca de São Paulo, com foyer, 89 assentos e cabine técnica

Figura 2 – Pisos térreo e superior da Biblioteca de São Paulo, em Santana, São Paulo





Fonte: SP Leituras, Equipe SP Leituras (2022).
Fonte: Daniel Ducci (2009).

A formação teve a seguinte programação (SISEB, 2018): 1) 22 de outubro, das 9h às 12h30, palestra “O papel do mediador como agente cultural”, ministrada por Stela Barbieri (Binah Espaço de Artes); 2) 22 de outubro, das 14h às 17h30, mesa-redonda “O território e a mediação de conflitos pela cultura”, facilitada por Ferréz (escritor), Marcos Felipe (Cia. Mungunzá de Teatro), Vera Athayde (OCA Escola Cultural) e Marilena Nakano (Rede Beija-flor de Pequenas Bibliotecas Vivas de Santo André); 3) 23 de outubro, das 9h às 12h30, palestra “A leitura e a literatura como direitos e princípios de cidadania”, realizada por Eliana Yunes (Instituto Interdisciplinar de Leitura PUC-Rio/Cátedra Unesco de Leitura); 4) 23 de outubro, das 14h às 17h30, mesa-redonda “Os territórios da linguagem”, composta por Gustavo Lembert (TAG Livros), Roberta Estrela D'Alva (Núcleo Bartolomeu de Depoimentos), Rodrigo Ciríaco (escritor e educador) e Eliana Yunes; 5) 24 de outubro, das 9h às 12h30 e das 14h às 17h30, oficina “Mediação e formação de leitores”, ministrada por María Emília López (Universidade de Buenos Aires, Argentina); 6) 25 de outubro, das 9h às 12h30, palestra “Arte e memória como instrumentos de trabalho e intervenção cultural”, com Paulo César Endo (Universidade de São

Paulo); 7) 25 de outubro, das 14h às 17h30, mesa-redonda “Experiências práticas em comunidades leitoras”, efetivada por Amanda Leal de Oliveira (Piracaia na Leitura), Isabel Santos Mayer (Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário/Rede LiteraSampa), Edi Fonseca (Cenpec/Instituto Avisa Lá) e Ana Paula Cechinel (Sesc São Paulo); 8) 26 de outubro, das 9h às 12h30, mesa-redonda “A mediação da escrita e da leitura na era digital”, composta por Camila Cabete (Kobo), Eduardo Albano (Ubook), Jacques Fux (escritor), Talita Talibert (Amazon Brasil) e Pierre André Ruprecht (SP Leituras); 9) 26 de outubro, das 14h às 17h30, mesa-redonda “De olho nas transformações”, com Bianca Santana (jornalista e escritora), Júlio Ludemir (Festa Literária das Periferias, Rio de Janeiro), Silvio Almeida (Instituto Luiz Gama) e Dolores Prades (Instituto Emília).

Posteriormente, de julho a setembro de 2020, foi organizado um curso na modalidade de Ensino a Distância (EaD), estruturado com conteúdos derivados do workshop presencial realizado em 2018 (SISEB, 2020). Além disso, o décimo segundo número da publicação *Notas de Biblioteca* (NAKANO; ENDO; YUNES; 2019), intitulado *Mediação: cultura, leitura e território*, e as videoaulas dos módulos do curso EaD (com o mesmo nome) tiveram a colaboração dos facilitadores Eliana Yunes, Isabel Santos Mayer, María Emília Lopez, Marilena Nakano e Paulo César Endo.

Abaixo estão os repertórios do workshop (SISEB, 2018), relativos aos conteúdos adotados pela curadoria do evento. As linguagens e as práticas utilizadas por meio das metodologias para trabalhar os conteúdos nas formações foram: palestras (3), mesas-redondas (5) e oficina (1).

1) Palestra: O papel do mediador como agente cultural – Desenvolver a tematização sobre a questão da cultura. O que é cultura? Como a arte interfere na formação dos indivíduos? A arte como direito. As bibliotecas como espaços privilegiados de manifestações artísticas. As dimensões do mediador. O profissional de biblioteca não deve ser apenas um profissional de biblioteca, ele é muito mais.

2) Mesa-redonda: O território e a mediação de conflitos pela cultura – Experiências de mediação em territórios em situações de crise social e reflexões sobre esse tema. A diversidade de possibilidades por meio da leitura. Qual é o papel transformador da biblioteca nessas comunidades em área de conflito? Como atravessar paredes e muros para estabelecer diálogo com os não leitores? As parcerias com escolas, lideranças comunitárias, educadores e pais de alunos.

3) Palestra: A leitura e a literatura como direitos e princípios de cidadania – Desenvolver as questões em torno do conceito de leitura, das suas diversas formas, dos diferentes perfis de leitores, e da importância de ter estas questões em mente, em todos os momentos do trabalho numa biblioteca.

4) Mesa-redonda: Os territórios da linguagem – Abordagens para apresentar a literatura e a leitura para habitantes de outros territórios da linguagem, tanto no sentido geográfico como simbólico. A literatura precisa "chegar" ao leitor por formas que superem dificuldades de acesso: seja pelos saraus, pelos slams (batalhas de poesia), como pelos clubes do livro e outras formas inovadoras de aproximar literatura de leitores.

5) Oficina: Mediação e formação de leitores – Mediação e leitura. Questões específicas da formação de leitores, as especificidades de cada perfil leitor. Discutir o papel da literatura, da poesia e do livro.

6) Palestra: Arte e memória como instrumentos de trabalho e intervenção cultural – Refletir sobre o papel de cada um como agente social. Como isso interfere em todas as atividades, desde o plano da vida privada, pública ou profissional. Quem somos e como atuamos? E mais importante de tudo: o que nos move atuar de uma determinada forma e não de outra? Remissão à responsabilidade social e ao compromisso que, no caso aqui, os profissionais de biblioteca devem ter com a comunidade. Como as bibliotecas participam/podem participar ativamente.

7) Mesa-redonda: Experiências práticas em comunidades leitoras – Apresentação de diferentes projetos, com distintos públicos e seus resultados nas comunidades abrangidas. Exposição das histórias e funcionamentos. A presença da leitura e das bibliotecas nesses espaços.

8) Mesa-redonda: A mediação da escrita e da leitura na era digital – Panorama sobre a cadeia produtiva do livro e seu futuro na era digital. Como facilitar o acesso digital à literatura. A gamificação da literatura e da leitura. As plataformas de autopublicação.

9) Mesa-redonda: De olho nas transformações – Como entender as transformações sociais em curso, superar os preconceitos e incorporar as diversidades. A voz das minorias e o compartilhamento dos espaços públicos, sociais e culturais.

3.3 Casos, universo e amostra

O universo da pesquisa englobou 66 profissionais e 24 facilitadores que participaram da capacitação Mediação: Cultura, Leitura e Território e que responderam anonimamente os questionários de satisfação (um por atividade – palestra, mesa-redonda ou oficina).

Em função disso e por se tratar de um estudo misto descritivo, o trabalho fez uso da amostra probabilística. De acordo com Sampieri (2013, p. 195), nesse tipo de amostra "todos os elementos da população têm a mesma possibilidade de ser escolhidos e são obtidos pela definição das características da população e do tamanho da amostra e pela seleção aleatória ou mecânica das unidades de análise".

A amostra foi composta por dez questionários (nove para participantes e um para ministrantes), de nove ações distintas. A amostra considerou as 419 participações nas nove sessões, que resultaram em 320 respostas (76,4% do total de participações) às questões fechadas e 160 *feedbacks* (38,2%) à questão aberta dos questionários.

Igualmente relevante, a aplicação dos formulários sobre o workshop aconteceu presencialmente, tendo sido preenchidas/entregues no mesmo dia das atividades. Os questionários dos facilitadores foram aplicados no formato virtual e as respostas coletadas em até 15 dias após a conclusão do evento.

A amostra utilizada foi a probabilística por conglomerados, pois implicava diferenciar a unidade de análise da unidade amostral. "A unidade de análise indica aqueles que serão medidos, ou seja, os participantes ou os casos nos quais" foram aplicados os instrumentos de medição. Já a unidade amostral "se refere ao conglomerado por meio do qual conseguimos o acesso à unidade de análise" (SAMPIERI, 2013, p. 200). Assim sendo:

> A amostragem por conglomerados supõe uma seleção em duas ou mais etapas, todas com procedimentos probabilísticos. Na primeira selecionamos os conglomerados seguindo os passos já mostrados de uma amostra probabilística simples ou estratificada. Nas fases subsequentes e dentro desses conglomerados, selecionamos os casos que serão medidos. [...] sempre utilizamos uma seleção aleatória que garanta que no início do procedimento todos os elementos da população têm a mesma probabilidade de ser escolhidos para integrar a amostra. (SAMPIERI, 2013, p. 201)

A organização responsável pela realização do evento, elencou cargos, instituições e municípios de atuação dos 66 profissionais, conforme dados fornecidos na pré-inscrição dos candidatos. De acordo com o relatório (SP LEITURAS, 2018, p. 84-85), no que diz respeito às funções dos participantes, 39 estão categorizados como profissionais de biblioteca, 14 como bibliotecários,

sete como educadores e seis aparecem em "outros". Sobre as instituições, 34 atuam em biblioteca pública, nove em biblioteca escolar/sala de leitura, quatro em outras bibliotecas, seis em "outras" organizações, três em biblioteca comunitária, três em biblioteca universitária/acadêmica, três em prefeitura municipal, três em universidade e um em escola. Referente às 22 cidades paulistas de atuação dos participantes, 38 trabalham em São Paulo, quatro em Santo André, dois em Cotia, dois em Garça, dois em Jundiaí, dois em Marília, e um profissional de cada um dos seguintes municípios: Americana, Bebedouro, Campinas, Francisco Morato, Guararema, Ilhabela, Itanhaém, Itapetininga, Itapevi, Lençóis Paulista, Lins, Mauá, Mogi Mirim, Penápolis, Ribeirão Preto e São Bernardo do Campo.

3.4 Procedimentos metodológicos adotados

A opção metodológica teve em vista verificar possibilidades de abordagem de vários aspectos, dentre os quais: a) identificar e analisar dimensões, indicadores (quantitativos e qualitativos), descritores e formas de cálculo das ações formativas presenciais; b) identificar e analisar questões, respondentes e instrumentos de pesquisa das ações formativas; c) identificar e analisar resultados das ações formativas; d) identificar as dificuldades para mensuração, publicização e reconhecimento dos resultados das ações.

3.4.1 Processos de coleta de dados e proposta de utilização

O plano de procedimentos da coleta, com base em Sampieri (2013), seguiu alguns protocolos, dentre os quais: a) indicação das fontes das quais os dados foram obtidos, bem como suas origens; b) estabelecimento dos métodos (confiáveis, válidos e objetivos) e a definição dos procedimentos da coleta de dados; c) estabelecimento das formas de preparação dos dados, com a finalidade de serem analisados para contemplar a pergunta de pesquisa.

Os dados foram obtidos a partir de informações públicas e internas da organização que gerencia as ações do SisEB, e tiveram como origem: 1) o relatório de atividades (prestação de contas) do 4º trimestre/anual de 2018 da instituição (SP LEITURAS, 2018, p. 73-85, 81-85), período relativo à realização do workshop internacional Mediação: Cultura, Leitura e Território; 2) as planilhas e a base de dados da formação, constantes em arquivos internos (SP LEITURAS, 2018); 3) a agenda do site do SisEB, com detalhes a respeito dos convidados e da estrutura da programação (SISEB, 2018).

A preparação dos dados (item 3.4.2, p. 56-64) gerou a apresentação de tabelas com informações consolidadas (Tabelas 2, 3, 4 e 5, p. 62-64) com o objetivo de serem analisados para investigar o problema de pesquisa.

3.4.2 Dados coletados, formas de coleta e instrumentos de medição

O plano de procedimentos para coleta dos dados considerou inicialmente as variáveis independentes das estratégias das ações formativas (infraestrutura, atendimento e programação) e a variável composta relacionada à dinamização de bibliotecas, que inclui gestão, acervo e programação cultural. Para a análise de dados qualitativos, Sampieri (2013) coloca como essencial a interpretação do significado das unidades (indicadores para este trabalho), a descrição das categorias codificadas que aparecerem, e a comparação das categorias encontradas com indicação de similaridades, distinções e vínculos entre elas.

As codificações elencadas nas tabelas 3 (p. 62) e 5 (p. 64) constituem os itens centrais do dispositivo workshop e são essenciais para realizar a análise dos resultados da formação. Com base na organização e codificação desses elementos foi proposta a remodelação da matriz – alusão para realização do estudo – que compreendeu descrição, classificação e interpretação dos novos parâmetros.

Para melhor assimilação do trabalho, estão detalhados abaixo apenas os indicadores quantitativos atuais que possuem averiguações operacionais, para evidenciar o conjunto de informações, organização, procedimentos e atividades que foram desenvolvidos para medir a variável independente de infraestrutura do curso. São eles: localização; instalações; facilidade na inscrição; carga horária; questões administrativas quanto à contratante; logística; hospedagem; alimentação.

Localização[4] – A Biblioteca de São Paulo (Figura 3) localiza-se na av. Cruzeiro do Sul, 2.630, Santana, São Paulo, SP. A unidade estadual é um dos edifícios do Parque da Juventude, e fica próxima à estação Carandiru do Metrô, com entrada e interligação física acessível para pessoas com deficiência e mobilidade reduzida. O horário de funcionamento é de terça-feira a domingo e feriados, das 9h30 às 18h30. Quando necessário, para realização de ações formativas do SisEB, utiliza-se o auditório às segundas-feiras (dia de manutenção geral do edifício).

[4] https://bsp.org.br/contato/.

Figura 3 – Fachada principal da Biblioteca de São Paulo, localizada no Parque da Juventude, com face para a Av. Cruzeiro do Sul, Santana, São Paulo



Fonte: Daniel Ducci (2009).

Instalações – O auditório da Biblioteca de São Paulo (Figuras 4 e 5) conta com palco, cabine técnica (iluminação, telefone, computador *desktop*, equipamentos audiovisuais), 89 poltronas fixas (com mesas de apoio), cadeiras móveis (para participantes e facilitadores), mesas de apoio (pequenas, médias e grandes), iluminação setorizada, estrutura acústica em teto, paredes e chão, ar-condicionado dedicado e geral, estrutura de áudio com caixas e cabos, microfones (bastão com e sem fio, lapela e *headset*), computador *notebook*, projetor e telão, sistema automatizado de persianas/cortinas (duas camadas).

Figuras 4 – Instalações do auditório da Biblioteca de São Paulo no workshop internacional Mediação: Cultura, Leitura e Território

Figuras 5 – Instalações na oficina do workshop com cabine e equipamentos para tradução simultânea





Fonte: SP Leituras, Marcelo Nakano (2018).
Fonte: SP Leituras, Marcelo Nakano (2018).

Facilidade na inscrição – Desde 2012 as inscrições para as ações formativas do SisEB são feitas de forma on-line e por meio de plataforma própria[5], com acesso direcionado via Agenda do site[6]. Atualmente são solicitados os seguintes dados para cadastro nas capacitações: a) atividade; b) cidade do evento; c) data do evento; d) e-mail; e) CPF; f) nome; g) data de nascimento; h) telefone de contato; sexo; trabalha em biblioteca? – se sim: h.1) tipo de biblioteca (comunitária, de equipamento da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, de outra secretaria ou autarquia do Estado de São Paulo, universitária/acadêmica, escolar/sala de leitura, especializada, centro de referência, pública, outras); i) instituição; j) profissão; k) CEP; l) logradouro; m) número; n) complemento; o) bairro; p) estado; q) cidade; r) possui deficiência, mobilidade reduzida ou outra condição específica? – sem sim: deficiência física, visual, auditiva, intelectual, psicossocial, recurso de apoio, obesidade, dificuldade motora, tecnologia assistida, estágio de gravidez avançado; s) aceite para o termo de autorização de uso de imagem, voz e nome.

Carga horária – O curso aconteceu de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h30, com horário de almoço entre 12h30 e 14h; a carga horária total da formação foi de 35 horas. As cinco mesas-redondas e as três palestras contaram com 3h30 cada, e a oficina teve carga horária de sete horas.

Questões administrativas quanto à contratante – A organização social de cultura responsável pela execução do evento realizou 22 contratações (21 facilitadores e uma curadora), com pagamento de pró-labore para efetivação da programação. Os contratos – pessoa física ou jurídica – foram formalizados antecipadamente e constavam de documentação obrigatória, de informações das atividades a serem realizadas pelos prestadores de serviços e de questões legais para cumprimento do objeto contratado.

Logística – Meios de transporte indicados e oferecidos para viabilizar a participação dos formadores. Para residentes na cidade de São Paulo foi incluído o valor da locomoção no pró-labore; para moradores de outros estados foram adquiridas passagens aéreas pela organização responsável pela realização das atividades. Os custos com transporte local em São Paulo (ônibus, táxi, metrô, etc.) eram de responsabilidade dos convidados.

[5] http://cadastro.siseb.org.br:8090/workshop/inscrito/novo.
[6] https://siseb.sp.gov.br/agenda/.

Hospedagem – Em casos necessários, os palestrantes foram acomodados em quarto individual, com café da manhã incluído, em hotel localizado a distância aproximada de 900 metros da Biblioteca de São Paulo, onde foi realizado o workshop. As despesas com hospedagem foram custeadas pela organização do evento.

Alimentação – Nos cinco dias do curso foram oferecidos café de boas-vindas, das 8h30 às 9h, e *coffee break* no meio da tarde, em horário definido em acordo com facilitadores e equipe de produção.

É importante esclarecer que alguns desses indicadores se repetem no mesmo instrumento e/ou em ambos os formulários (participantes e ministrantes). Para otimizar escrita, definições e reflexões, os critérios foram consolidados sem indicar onde estão presentes (questionário de facilitador ou participante), pois já fica explícito nas Tabelas 2, 3, 4 e 5 (p. 62-64).

A seguir estão: 1) a atual matriz de avaliação do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo (Tabela 1); 2) os demais indicadores quantitativos (presentes nos questionários de satisfação aplicados com participantes e convidados da formação) e qualitativos (derivados da atual matriz, em função do processo de codificação das respostas abertas, também já agrupados para facilitar a compreensão do trabalho).

Tabela 1 – Matriz de avaliação – Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo

Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo	
1. Qualidade das estratégias	Capacitações e seminários
	1.1 Número de participantes nas ações
	1.2 Relevância dos temas
	1.3 Qualidade dos formadores/mediadores/profissionais
	1.4 Pertinência dos formadores (adequação do perfil ao contexto/público local)
	1.5 Metodologias e estratégias de formação utilizadas
	1.6 Carga horária
	Doação de acervo
	1.7 Pertinência e qualidade do acervo doado
	1.8 Quantidade satisfatória
	1.9 Periodicidade
	1.10 Utilidade e tipos de uso
	Publicações
	1.11Pertinência dos temas
	1.12 Conteúdos
	1.13 Acessibilidade da linguagem
	1.14 Atratividade
	1.15 Utilidade e tipo de uso
	SisEB Itinerante; Assessoria técnica; *Advocacy;* Site e redes sociais; Atualização de informações na plataforma Bibliotecas Paulistas
2. Qualidade das estratégias – reconhecimento do SisEB	2.1 Contato entre bibliotecas/possibilidades criadas de interação
	2.2 Troca de informações entre bibliotecas
	2.3 Acesso a serviços oferecidos pelo SisEB
	2.4 Identificação com o SisEB
3. Formação dos profissionais das bibliotecas	3.1 Concepção da equipe a respeito da biblioteca (Biblioteca Viva)
	3.2 Qualidade do atendimento
	3.3 Criação de novas atividades
	3.4 Busca autônoma de informações relevantes
	3.5 Busca de mais formação
4. Dinamização das bibliotecas	4.1 Satisfação do público com o atendimento
	4.2 Adequação espaço físico (móveis, iluminação, arquitetura, espaço)
	4.3 Relação com instituições do entorno (escolas, equipamentos públicos)
	4.4 Apoio da prefeitura (atualização do acervo, disponibilização de recursos, etc.)
	4.5 Atividades culturais na biblioteca (quantidade e qualidade)
	4.6 Divulgação da biblioteca
	4.7 Reverberações nas instituições participantes do evento (escolas, por exemplo)

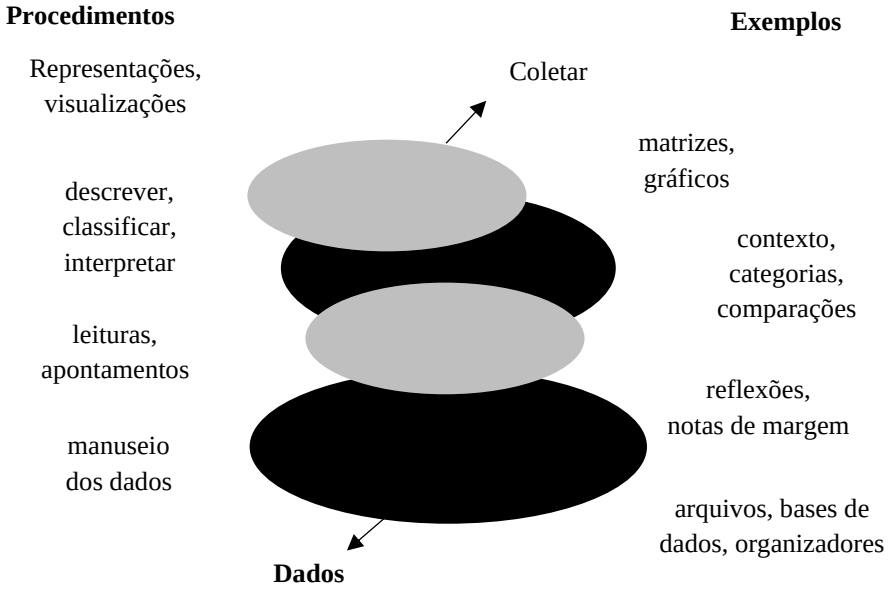
Fonte: Adaptado de Relatório de Avaliação da Qualidade 2016 (INSTITUTO FONTE, 2017, p. 103).

Indicadores quantitativos (perguntas fechadas): atendimento – cordialidade da equipe e capacidade de esclarecer dúvidas e prestar informações; avaliação de palestrantes e participantes; metodologias e estratégias de formação utilizadas; desenvolvimento profissional; expectativa em relação ao evento; expectativa em relação ao desenvolvimento dos participantes.

Indicadores qualitativos (perguntas abertas): relevância dos temas; qualidade dos formadores/mediadores/profissionais; pertinência dos formadores (adequação do perfil ao contexto/público local); contato entre bibliotecas/possibilidades criadas de interação; troca de informações entre bibliotecas; concepção da equipe a respeito da biblioteca (Biblioteca Viva); qualidade do atendimento/satisfação do público com o atendimento; criação de novas atividades; busca autônoma de informações relevantes; busca de mais formação; relação com instituições do entorno (escolas, equipamentos públicos); atividades culturais na biblioteca (quantidade e qualidade); reverberações nas instituições participantes do evento.

O ciclo de análise dos dados qualitativos (Figura 6), envolveu os elementos apresentados a seguir, cujo gráfico foi elaborado de acordo com Creswell (1998, apud SAMPIERI, 2013, p. 448):

Figura 6 – Espiral de análise de dados qualitativos



A seguir estão os dados coletados nas avaliações aplicadas com participantes e facilitadores do evento.

Tabela 2 – Avalições dos participantes (320 respostas) sobre atividades do workshop Mediação: Cultura, Leitura e Território, realizado pelo SisEB de 22 a 26 de outubro de 2018

Avaliação	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Ótimo	100%	94%	76%	100%	100%	79%	79%	71%	72%	76%	75%
Bom	0%	6%	12%	0%	0%	18%	19%	23%	26%	22%	20%
Regular	0%	0%	6%	0%	0%	2%	2%	6%	1%	3%	5%
Ruim	0%	0%	6%	0%	0%	0%	0%	1%	0%	0%	0%
Não houve resposta	0%	0%	0%	0%	0%	1%	1%	0%	1%	0%	0%

Fonte: Elaborado pela autora, com base em documento interno SP Leituras, tabulação das avaliações do workshop internacional (2018).

Legenda:
1. Localização
2. Instalações
3. Facilidade para inscrição
4. Cordialidade da equipe
5. Capacidade de esclarecer dúvidas e prestar informações
6. Avaliação do palestrante/mesa-redonda
7. Conteúdo apresentado
8. Metodologia
9. Carga horária
10. Em relação à sua expectativa, o evento foi:
11. Em relação ao seu desenvolvimento profissional, o evento foi:

Tabela 3 – Codificação dos temas recorrentes das 160 respostas das avalições dos participantes sobre atividades do workshop Mediação: Cultura, Leitura e Território

Resp. (%)	Comentário sobre a atividade realizada (continua)
25,6%	Qualidade das estratégias - Relevância dos temas
15,6%	Qualidade das estratégias - Qualidade dos formadores/mediadores/profissionais
19,4%	Qualidade das estratégias - Pertinência dos formadores (adequação do perfil ao contexto/público local)
5,6%	Qualidade das estratégias - Metodologias e estratégias de formação utilizadas
1,9%	Qualidade das estratégias - Carga horária
5,6%	Qualidade das estratégias – reconhecimento do SisEB - Contato entre bibliotecas/possibilidades criadas de interação
2,5%	Qualidade das estratégias – reconhecimento do SisEB - Troca de informações entre bibliotecas
11,3%	Formação dos profissionais das bibliotecas - Concepção da equipe a respeito da biblioteca (Biblioteca Viva)
0,6%	Formação dos profissionais das bibliotecas - Qualidade do atendimento/Satisfação do público com o atendimento
2,5%	Formação dos profissionais das bibliotecas - Criação de novas atividades
2,5%	Formação dos profissionais das bibliotecas - Busca autônoma de informações relevantes
1,9%	Formação dos profissionais das bibliotecas - Busca de mais formação
0,6%	Dinamização das bibliotecas - Adequação espaço físico (móveis, iluminação, arquitetura, espaço)

Resp. (%)	Comentário sobre a atividade realizada (conclusão)
0,6%	Dinamização das bibliotecas - Relação com instituições do entorno (escolas, equipamentos públicos)
3,1%	Dinamização das bibliotecas - Atividades culturais na biblioteca (quantidade e qualidade)
0,6%	Dinamização das bibliotecas - Reverberações nas instituições participantes do evento (escolas, por exemplo)

Fonte: Elaborado pela autora com base em: a) documento interno SP Leituras, tabulação das avaliações do workshop internacional (2018); b) Relatório de Avaliação da Qualidade 2016, Matriz de avaliação – Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo (INSTITUTO FONTE, 2017, p. 103), com manutenção e priorização da ordem de dimensões e indicadores apresentados na matriz (Tabela 1, p. 60).

Tabela 4 – Avalições dos facilitadores (17 respostas) sobre o workshop Mediação: Cultura, Leitura e Território, realizado pelo SisEB de 22 a 26 de outubro de 2018

Avaliação	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
Ótimo	88%	100%	100%	100%	82%	35%	88%	94%	94%	100%	82%	94%	94%
Bom	12%	0%	0%	0%	12%	6%	12%	6%	6%	0%	12%	6%	6%
Regular	0%	0%	0%	0%	6%	0%	0%	0%	0%	0%	6%	0%	0%
Ruim	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Não houve resposta	0%	0%	0%	0%	0%	59%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%

Fonte: Elaborado pela autora, com base em documento interno SP Leituras, tabulação das avaliações do workshop internacional (2018).

Legenda:
1. Localização
2. Instalações - edifício
3. Recursos e material de apoio/audiovisual
4. Contratante - quanto às questões administrativas
5. Contratante - quanto à logística
6. Contratante - quanto à hospedagem (quando houver)
7. Alimentação
8. Cordialidade da equipe local
9. Avaliação dos participantes
10. Aplicação do conteúdo proposto
11. Carga horária adequada para apresentação de conteúdo
12. Sua expectativa em relação ao evento foi:
13. Sua expectativa em relação ao desenvolvimento dos participantes

Tabela 5 – Codificação dos temas recorrentes das 12 respostas das avalições dos facilitadores sobre o workshop Mediação: Cultura, Leitura e Território

Resp. (%)	Comentário sobre a atividade realizada
8,3%	Qualidade das estratégias - Relevância dos temas
8,3%	Qualidade das estratégias - Qualidade dos formadores/mediadores/profissionais
8,3%	Qualidade das estratégias - Pertinência dos formadores (adequação do perfil ao contexto/público local)
16,7%	Qualidade das estratégias - Metodologias e estratégias de formação utilizadas
8,3%	Qualidade das estratégias – reconhecimento do SisEB - Contato entre bibliotecas/ possibilidades criadas de interação
25,0%	Qualidade das estratégias – reconhecimento do SisEB - Acesso a serviços oferecidos pelo SisEB
8,3%	Formação dos profissionais das bibliotecas - Concepção da equipe a respeito da biblioteca (Biblioteca Viva)
16,7%	Formação dos profissionais das bibliotecas - Qualidade do atendimento/Satisfação do público com o atendimento

Fonte: Elaborado pela autora com base em: a) documento interno SP Leituras, tabulação das avaliações do workshop internacional (2018); b) Relatório de Avaliação da Qualidade 2016, Matriz de avaliação – Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo (INSTITUTO FONTE, 2017, p. 103), com manutenção e priorização da ordem de dimensões e indicadores apresentados na matriz (Tabela 1, p. 60).

Na análise dos resultados das avaliações dos participantes sobre as atividades do workshop, constatou-se a relação entre as seguintes variáveis quantitativas e qualitativas: “instalações” e “dinamização das bibliotecas – adequação do espaço físico (móveis, iluminação, arquitetura, espaço)”; “cordialidade da equipe” e “formação dos profissionais das bibliotecas – qualidade do atendimento/satisfação do público com o atendimento”; “avaliação do palestrante/mesa-redonda” e “qualidade das estratégias – qualidade dos formadores/mediadores/profissionais”; “conteúdo apresentado” e “qualidade das estratégias – relevância dos temas”; “metodologia” e “qualidade das estratégias – metodologias e estratégias de formação utilizadas”; “carga horária” e “qualidade das estratégias – carga horária”. A maioria das variáveis quantitativas e qualitativas não se relaciona no resultado da avaliação, dificultando achados consistentes sobre a formação.

A mesma fragilidade aconteceu na análise dos resultados das avaliações dos palestrantes a respeito das ações do evento, que constatou a relação apenas entre as seguintes variáveis quantitativas e qualitativas: "cordialidade da equipe local" e "formação dos profissionais das bibliotecas – qualidade do atendimento/satisfação do público com o atendimento"; "aplicação do conteúdo proposto" e "qualidade das estratégias – metodologias e estratégias de formação utilizadas".

3.4.3 Relatório de confiabilidade, validade, objetividade e variáveis

Para indicar a confiabilidade dos dados apresentados, seguimos orientações de Sampieri (2013) considerando-se estabelecer a confiabilidade para cada instrumento de mensuração usado na pesquisa e também para cada distinta escala e para o total das escalas, caso fossem somativas. Para determinar a confiabilidade dos dados do trabalho a partir de um coeficiente, utilizamos o procedimento de *medida de coerência ou consistência interna,* com uso do coeficiente do alfa de Cronbach, uma vez que cada participante respondeu uma única versão do instrumento, pois as nove atividades do evento eram distintas entre si. Sampieri (2013, p. 317) explana que esse caso exige apenas "uma administração do instrumento de mensuração". Ou seja, para esse método o instrumento é administrado uma única vez, com uma única versão do instrumento, com resposta dos participantes de uma única versão, ficando como preocupação se questões e escalas do instrumento são coerentes.

Com base em Amaral (2020) e Sampieri (2013), foi adotado o nível de erro de 5% (nível crítico de 1,96), que se refere a aceitar cinco possibilidades de erro dentro de um universo de 100 unidades.

Assim, a aplicação do instrumento de mensuração dos participantes do workshop internacional Mediação: Cultura, Leitura e Território aconteceu nove vezes para o mesmo grupo de participantes e para as nove distintas sessões que compuseram o evento. A aplicação do instrumento dos formadores também foi única, com respostas correspondendo às capacitações ministradas.

Como é possível visualizar a seguir na Tabela 6, referente às 419 participações (frequência dos 66 participantes ao longo das nove atividades), a sistematização dos dados considerou todas as respostas às questões fechadas (320 retornos, correspondendo a 76,4% do total de participações) e à questão aberta (160 *feedbacks*, relativos a 38,2%) dos nove questionários de satisfação. Dos 24 facilitadores convidados, 17 retornaram às perguntas fechadas do questionário (70,8%) e 12 (50%) à questão aberta (sendo essa pesquisa distinta da aplicada com os participantes); novamente todas as respostas foram consideradas na organização do trabalho.

Tabela 6 – Carga horária (CH), frequência e taxa percentual de respostas dos participantes aos questionários de avaliação das atividades do workshop internacional Mediação: Cultura, Leitura e Território, realizado pelo SisEB de 22 a 26 de outubro de 2018

It.	Data	Tipol.	Assunto	CH	Freq.	Quest.	Taxa
1	22/10/2018	Palestra	O papel do mediador como agente cultural	3h30	50	43	86%
2	22/10/2018	Mesa-redonda	O território e a mediação de conflitos pela cultura	3h30	50	42	84%
3	23/10/2018	Palestra	A leitura e literatura como direitos e princípios de cidadania	3h30	45	40	88,9%
4	23/10/2018	Mesa-redonda	Os territórios da linguagem	3h30	46	39	84,8%
5	24/10/2018	Oficina	Mediação e formação de leitores	7h	47	34	72,3%
6	25/10/2018	Palestra	Arte e memória como instrumentos de trabalho e intervenção cultural	3h30	50	31	62%
7	25/10/2018	Mesa-redonda	Experiências práticas em comunidades leitoras	3h30	50	28	56%
8	26/10/2018	Mesa-redonda	A mediação da escrita e da leitura na Era Digital	3h30	40	32	80%
9	26/10/2018	Mesa-redonda	De olho nas transformações	3h30	41	31	75,6%
			Total	35h	419	320	76,4%

Fonte: SP Leituras (2018, p. 73) e documento interno SP Leituras (2018).

Relembramos que os contextos das coletas foram explicados no item 3.3 – Casos, universo e amostra, p. 54-55.

O valor de confiabilidade das 320 respostas do instrumento de mensuração dos participantes (11 perguntas fechadas) sobre as nove diferentes sessões, quando se aplicou o teste alfa de Cronbach, foi de 0,81, enquanto para o instrumento de mensuração dos facilitadores (13 perguntas fechadas e 17 respostas) foi de 0,38. O valor gerado na aplicação do instrumento de avaliação dos partícipes indica uma estabilidade alta e aceitável. Já o valor atribuído à mensuração com os ministrantes revela baixa confiabilidade. Em ambos os instrumentos as opções de respostas foram escalonadas com as seguintes atribuições de pontuação: *ótimo* igual a 4, *bom* igual a 3, *regular* igual a 2, e *ruim* igual a 1.

Referente à análise das respostas dos participantes, as variáveis 1 (localização), 4 (cordialidade da equipe) e 5 (capacidade de esclarecer dúvidas e prestar informações) tinham variação zero e

foram omitidas dos cálculos. Foram utilizados 148 casos e 172 casos continham valores faltantes.

Com relação à análise dos retornos dos palestrantes, as variáveis 2 (instalações – edifício), 3 (recursos e material de apoio/audiovisual), 4 (contratante – quanto às questões administrativas), 7 (alimentação), 8 (cordialidade da equipe local), 9 (avaliação dos participantes), e 10 (aplicação do conteúdo proposto) tinham variação zero e foram omitidas dos cálculos. Foram apenas sete casos usados e 10 casos continham valores faltantes, o que justifica o baixo nível de confiabilidade.

A matriz de correlação das respostas dos participantes indicou coeficiente aceitável (entre 0,75 e 0,89) entre as seguintes variáveis: 0,85 para desenvolvimento profissional e expectativa sobre o evento; 0,78 para conteúdo apresentado e avaliação do palestrante/mesa-redonda; 0,76 para metodologia e conteúdo apresentado.

Já a matriz de correlação das respostas dos palestrantes indicou coeficiente elevado (maior do que 0,90) entre as seguintes variáveis: 1,00 para contratante/hospedagem e contratante/logística; 1,00 para expectativa em relação ao desenvolvimento dos participantes e expectativa em relação ao evento.

4 RESULTADOS

O trabalho analisou a atual matriz avaliativa do SisEB e os resultados de uma formação em *mediação* realizada para profissionais de bibliotecas públicas paulistas.

Elaborados considerando-se metodologias quantitativa e qualitativa, os resultados apresentam níveis confiáveis de respostas, o que permite considerar que se mostraram insuficientes para atender os objetivos para situar a relevância da prática formativa desenvolvida. O quadro se torna mais complexo, sobretudo, em razão do interesse na realização de práticas formativas ligadas a uma ampliação do conceito de biblioteca pública, inspirado em referenciais da denominada Biblioteca Forum.

A aplicação do método misto sobre os dados existentes revelou-se eficaz para a constatação de hiatos que indicam a importância da remodelação dos modos de formar e de recuperar repercussões dos processos formativos. Nesse sentido, o esforço de sistematização de uma modalidade formativa permitiu compreender descompassos entre objetivos da formação, propostas, conteúdos, metodologias e aplicabilidade de resultados, muito embora os índices de satisfação de formadores e formandos tenham sido positivamente significativos.

Para organização das respostas abertas à questão “comentário sobre a atividade realizada” presente em todos os questionários do curso analisado, os temas recorrentes foram codificados com base nas dimensões e nos indicadores da atual Matriz de Avaliação do SisEB (Tabela 1, p. 60) e estão apresentados nas Tabelas 3 (p. 62) e 5 (p. 64). É importante registrar que a questão aberta, formulada de forma genérica, pretensamente usada como forma de abertura de possibilidades de expressão dos sujeitos do percurso formativo, resultou em dificuldade de obtenção de subsídios ao processo de adensar a análise qualitativa, uma vez que não se dispunha de parâmetros sobre o que se precisa saber/o que se quer atingir com a formação. As perguntas abertas, nesse sentido, precisam ser pautadas por categorias que permitam aos participantes mergulharem novamente na experiência concreta que tiveram com a capacitação e buscarem representações que ficaram assentadas na memória para construir evidências consistentes para a análise qualitativa dos dados. Tal como está proposto, é possível obter-se opiniões diversificadas que impõe barreiras para se conhecer a efetividade da formação.

As dificuldades apresentadas na etapa de categorização dos atuais parâmetros demonstraram e reforçaram as perspectivas de remodelação da matriz avaliativa, em causa na pesquisa. Para tanto, a relação entre respostas e construção de categorias implica análise temática, método de

sintetização e análise de dados qualitativos, que são organizados, codificados, categorizados e redispostos conceitualmente, com explanação textual de padrões e categorias. Depois, em função da progressão da análise, a atualização da codificação dos dados envolve estabelecer categorias que precisam ser reconceitualizadas, reordenadas, renomeadas, combinadas ou separadas (MACHADO, 2021, apud AYRES, 2008).

Em paralelo a essa questão problemática, a proposta de reformulação foi se encaminhando em direção ao conceito de avaliação dialógica como forma de inclusão e valorização da experiência de participantes e formadores na ação formativa e no processo de avaliação.

A constatação que o modelo vigente confirmou percepções, até então menos severas, de que em se tratando de treinamento de pessoas dos quadros profissionais, de um lado, e tendo em vista mudanças paradigmáticas na concepção de biblioteca do SisEB, a abordagem avaliativa partir unicamente de questionários pergunta-resposta (fechadas e/ou abertas) será insuficiente ao efetivo reconhecimento da qualidade formativa. Daí, a introdução da perspectiva dialógica cujo objetivo será incluir os sujeitos nos processos formativo e avaliativo, aspecto que exigirá mudanças estruturais no eixo de conteúdos, metodologias aplicadas, pontos centrais a serem interrogados e de sua tradução em novas propostas de qualificação. Por esta razão, o esforço deste estudo caminha no sentido de propor a remodelação dos itens da matriz vinculados às ações de capacitação, com nomeação de categorias que possam recobrir os vazios da prática formativa atual, para a partir disso se construir novas peças/dispositivos avaliativos.

Nesse sentido, um grande avanço da pesquisa, todavia, diz respeito à constatação de que a atual forma de avaliação é bastante generalista, inibindo observar-se em que medida determinadas atividades possam dar conta das complexidades dos quadros profissionais e de demandas das diferentes bibliotecas em seus respectivos contextos. Entendemos que no momento em que as pessoas perceberem suas vozes nos processos formativo e avaliativo, poderão ser abertas possibilidades à conscientização acerca de papéis dos quadros profissionais e dos diversos contextos.

Os resultados permitem indicar a urgência de discussão e encaminhamentos para a incorporação da noção de avaliação dialógica, compreendendo-se formação e avaliação como processos dinâmicos permanentemente em relação e capazes de radiografar tão próximo quanto possível a realidade vivenciada por esses profissionais e daí retirar elementos geradores de novas formações. Dessa maneira, o intuito não é avaliar apenas a capacitação, mas também a relação

desses sujeitos com a formação, uma vez que a ideia implícita na avaliação dialógica implica processos que integrem, considerem os indivíduos, seja na dimensão e nos indicadores da matriz avaliativa, nos instrumentos de mensuração, na coleta e na análise dos dados e no ciclo planejamento-avaliação.

Um primeiro ponto central à redefinição de uma matriz avaliativa será a existência e a explicitação de definições conceituais e operacionais, categorias não presentes no estabelecimento de indicadores da atual matriz de avaliação do SisEB (Tabela 1, p. 60), e que orientam a constituição dos instrumentos avaliativos (questionários de satisfação) da capacitação utilizada como referência no trabalho.

Em razão disso, se dá a reflexão e a crítica do estudo sobre consistências e inconsistências dos modelos vigentes, que remetem a dificuldades para se estabelecer categorias para dimensões e indicadores dos processos avaliativos de ações de formação de profissionais de bibliotecas públicas. Como não há referências estabelecidas para esses parâmetros, é coerente propor a mudança dentro do modelo avaliativo atual, que tem o SisEB como matéria a partir da qual é pensada a avaliação dialógica para o estudo. Contudo, é importante destacar que a nova matriz poderá servir igualmente de referência a ser aplicada em outros sistemas de bibliotecas públicas, bem como em outras tipologias de bibliotecas que trabalham a educação não-formal para o aperfeiçoamento de quesitos técnicos e culturais dos quadros profissionais, desde que ancoradas em projetos político-culturais de ressignificação desses equipamentos para a sociedade.

Dessa forma, o estudo de referenciais produzidos por pesquisas na área, articulados a orientações inscritas em instituições que regulam o desenvolvimento das bibliotecas visando inclusive projeções para sua atuação não só no presente, mas no futuro em suas comunidades, orientou a construção de dimensões e indicadores para a matriz remodelada, apresentada a seguir na Tabela 7, visando ultrapassar limites dos atuais indicadores dos instrumentos de avaliação. A proposta é que esses instrumentos sejam, portanto, dialógicos em relação à formulação de programas de formação e à condução de metodologias de avaliação que integrem os sujeitos a novas lógicas e processos de formação para as bibliotecas públicas.

Tabela 7 – Proposta de reformulação de matriz de avaliação para as ações formativas de profissionais de bibliotecas públicas

Dimensões	Indicadores (continua)
1. Espaço/ambiente da Biblioteca Forum	1.1 O espaço/ambiente como categoria de mediação (inter)cultural 1.2 Conhecimento da importância, das funções, do funcionamento e dos usos para o diálogo (inter)cultural 1.3 Reconhecimento das características do ambiente (conforto, estética, formato, localização) para a produção de interesse e disposição à participação cultural 1.4 Reconhecimento das configurações internas do ambiente (dimensão física, setorização, contiguidade) para as dinâmicas de mediação cultural 1.5 Reconhecimento de elementos essenciais ao livre acesso/acessibilidade para uso autônomo e apropriação do espaço 1.6 Reconhecimento da variedade de equipamentos e da multiplicidade de usos individuais e coletivos
2. Acervo/repertórios da Biblioteca Forum	2.1 Os repertórios como categoria da mediação (inter)cultural 2.2 Aprofundamento do conhecimento sobre a diversidade de recursos informacionais e culturais para os processos de busca na biblioteca (livros, periódicos, folhetos, audiovisuais, fotos, mapas, objetos tridimensionais, web, pessoas) 2.3 Aprofundamento do conhecimento sobre a abrangência temática da biblioteca 2.4 Aprofundamento do conhecimento sobre a natureza, as características e a diversidade de tipos de informação da biblioteca (escrita, oral, audiovisual, eletrônica/digital) 2.5 Reconhecimento da diversidade e da qualidade das obras da biblioteca (tipologia documentária) como fonte e recurso de busca e produção de conhecimento e cultura na biblioteca 2.6 Reconhecimento dos recursos eletrônicos e digitais como fonte de busca e produção de conhecimento na biblioteca
3. Ordenação dos repertórios na Biblioteca Forum	3.1 As linguagens documentárias como mediação (inter)cultural 3.2 Reconhecimento de relações entre ordem documentária e autonomia do leitor 3.3 Reconhecimento de elementos à produção de linguagens comunicativas entre acervos/repertórios e públicos diversificados 3.4 Reconhecimento e domínio de elementos de flexibilização das linguagens documentárias para livre e autônomo acesso, uso e apropriação dos públicos
4. Práticas culturais na Biblioteca Forum	4.1 Práticas culturais como mediação (inter)cultural 4.2 Reconhecimento da natureza e da relevância das práticas (inter)culturais 4.3 Reconhecimento da natureza e da relevância das práticas de pesquisa 4.4 Reconhecimento da natureza e da relevância de práticas culturais com a memória local

Dimensões	Indicadores (conclusão)
4. Práticas culturais na Biblioteca Forum	4.5 Aprofundamento de metodologias ao desenvolvimento de práticas de oralidade, leitura, escrita, pesquisa, informação e memória local
	4.6 Adequação de ações e práticas culturais – quantidade, qualidade, relevância, pertinência, com contextos e públicos
	4.7 Reconhecimento e aprofundamento de formas de construção de novos vínculos entre bibliotecas e comunidades
	4.8 Reconhecimento do significado e formas de implementação da autonomia cultural dos grupos locais
5. Práticas de gestão na Biblioteca Forum	5.1 Práticas de gestão como mediação (inter)cultural
	5.2 Articulação entre conceitos e práticas da Biblioteca Forum e gestão do equipamento cultural
	5.3 Desenvolvimento de programas, projetos, ações de acolhimento, atendimento e participação cultural de públicos e grupos diversificados
	5.4 Desenvolvimento de programas, projetos, ações de interação, articulação e inserção em rede de bibliotecas e de outros dispositivos culturais
	5.5 Promoção de ações para o desenvolvimento de relação entre comunidade interna e externa – profissionais e públicos
6. Avaliação quantitativa e qualitativa dos formadores	6.1 Conduta aberta para aproximar a relação com os participantes
	6.2 Sensibilidade para construção de vínculos com participantes e biblioteca
	6.3 Flexibilidade e capacidade de reformulação dos conteúdos em função dos perfis e contextos dos participantes
	6.4 Organização e mobilidade no percurso formativo
	6.5 Preparo e domínio dos repertórios de formação
	6.6 Domínio de tecnologias e demais recursos informacionais à formação
	6.7 Metodologias e dinâmicas utilizadas nas atividades para estimular a reflexão e a prática sobre os conteúdos trabalhados
7. Avaliação quantitativa e qualitativa das ações formativas	7.1 Quantidade de atividades realizadas
	7.2 Quantidade de participantes presentes
	7.3 Quantidade de municípios participantes
	7.4 Satisfação geral dos participantes e dos formadores com as atividades
	7.5 Satisfação com a carga horária das atividades
	7.6 Satisfação dos públicos com o espaço físico, consideradas as diferentes naturezas de formação
	7.7 Transformações efetivas produzidas/observadas a partir das formações
	7.8 Atendimento às expectativas iniciais – aspectos negativos e positivos
	7.9 Qualidade da troca entre formadores e participantes

Fonte: Elaborado pela autora, com referência nos capítulos “O espaço informacional”, “O repertório informacional”, “Os usos” e “Os mediadores” (PIERUCCINI, 2004, p. 63-87, p. 88-91, p. 92-97, p. 170-173).

A presente tabela tem, assim, uma dupla finalidade: orientar a formulação das ações formativas, e oferecer parâmetros a dispositivos de avaliação das capacitações em relação ao desenvolvimento das atividades e em relação ao acompanhamento de transformações nos contextos concretos das bibliotecas.

Para construção dos resultados do trabalho, a adoção do método misto ao permitir tornar consistentes e rigorosas as observações sobre as inconsistências nas formas de averiguação do nível de satisfação da formação adotada como referência, enseja a possibilidade de sua aplicação, porém articulado a formas pontuais e determinadas que possam combinar narrativas de formadores e formandos.

> Nenhuma afirmação humana, manifestada em qualquer forma de expressão – discurso escrito, falado, iconográfico, etc. –, pode ser absolutamente objetiva, nem absolutamente subjetiva. A pretensão da representação absolutamente objetiva da realidade pertence ao campo epistemológico e discursivo do positivismo [...] nenhuma representação da realidade é absolutamente subjetiva, isto é, adstrita somente ao pensamento de seu formulador, porque ele estará, no mínimo, condicionado pelos códigos sociais do segmento de classe a que pertence. [...] Objetividade e subjetividade interpenetram-se no caso de qualquer relação humana e, portanto, estarão sempre presentes e imbricadas nas relações pedagógicas e avaliativas. (ROMÃO, 2011, p. 71-72)

Assim, entende-se que o método avaliativo para estudos dessa natureza se beneficiará de metodologias de pesquisa mista e diversificadas, uma vez que, de um lado, se pretende medir e compreender o significado da capacitação, em função do investimento do Estado e, de outro, do direito e da possibilidade de a sociedade integra-se a um dispositivo que contemple oportunidades anunciadas pelo paradigma que alimenta as configurações da Biblioteca Forum.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho concluiu que a atual matriz avaliativa consegue medir mais a satisfação dos participantes das capacitações e menos o significado da formação para as transformações conceituais e procedimentais da biblioteca pública. Daí justifica-se a construção de uma matriz com a premissa da avaliação dialógica, como forma de penetrar no conteúdo da ação formativa e dos problemas enfrentados pelas equipes que atuam na ponta, no terreno concreto das bibliotecas. Os resultados apresentados pela aplicação do método de análise do curso apresentado evidenciam falta de unidade, fragmentação e falta de articulação, constituindo-se em conjunto de opiniões.

Apesar da diversidade de treinamentos, e talvez por conta dela, não se percebe um fio condutor conceitual e metodológico que oriente o plano formativo atual. Uma recomendação para avançar na questão é planejar a preparação dos facilitadores, ou seja, compartilhar com eles referenciais para a estruturação das propostas de capacitação com base no plano formativo determinado, a começar pelo estabelecimento de patamares acerca da mediação (inter)cultural que está na base do paradigma da Biblioteca Forum.

Constatou-se também que a condição de profissional que está sendo qualificado não foi alterada na relação da produção de conhecimento. Ele continua sendo tomado como ouvinte, paciente, sentado apenas produzindo, na medida do possível, elementos e referencias do ponto de vista cognitivo, por vezes bastante abstratos, em relação ao universo empírico, concreto e real da mediação cultural. A formação ancorada em conteúdos transmitidos e voltados somente à reflexão mostra-se insuficiente para abordar a concretude da biblioteca; a ação formativa em contexto concreto, dá uma noção de articulação efetiva, porque isso suscita problemas. E, nesse sentido, se a finalidade da atividade tem em vista a atuação profissional do sujeito, será importante identificar por meio da avaliação as transformações efetivas rumo ao conceito de biblioteca que está em causa.

Dessa forma, recomenda-se que a formação explicite o projeto político-pedagógico da instituição (mesmo para um contexto não acadêmico ou escolar), identificando elementos da pedagogia proposta para esse fim. Por enquanto, avalia-se a exterioridade da capacitação junto a um público que não está claramente informado sobre as perspectivas que estão sendo formuladas nas formações; por sua vez, os ministrantes fornecem o melhor de seus conteúdos, porém não necessariamente afinados com a (re)definição político-cultural dos equipamentos. A

matriz tem que considerar a articulação entre formadores escolhidos e projeto, implicando uma conexão desses facilitadores com a proposta do programa e um debate claro para criar conexões, dialogia na formação, buscando superar a fragmentação na distribuição de conteúdos isolados como disciplinas que nunca se encontram.

O contexto durante e pós-pandemia, original para todas as situações caraterísticas, tem que ser olhado na singularidade do acontecimento e será um desafio a ser observado em formações realizadas depois de março de 2020.

Romão (2011, p. 113) afirma que para a "construção, negociação e estabelecimento de padrões – para designar um 'avanço', tenho de saber em 'direção a quê', o que me obriga a determinar um horizonte, um padrão desejável".

A recomendação de remodelação da matriz apresenta hierarquia e correspondência entre dimensões e indicadores. Nesse sentido, o trabalho organizou categorias pela ordem do dispositivo Biblioteca Forum, a saber um conjunto de elementos articulados que mudam a concepção de cultura a ser considerada, com base nos princípios de democracia cultural e interculturalidade. Entendendo que uma matriz avaliativa, na perspectiva proposta é mais complexa, recomenda-se planejamento e execução de um projeto formativo mínimo inicial que deflagre uma concepção de outro paradigma de dispositivo cultural.

Uma biblioteca funciona bem não apenas pelos repertórios/acervo, mas pelo tipo de espaço/ambiente, gestão, organização, serviços, práticas, programas e ações, dinamicamente articulados. Para construir referenciais à formação de uma capacitação que seja coerente com a problemática trabalhada na dissertação, a nova matriz avaliativa de ações de profissionais de bibliotecas públicas apresenta sete categorias: 1) Espaço/ambiente da Biblioteca Forum; 2) Acervo/repertórios da Biblioteca Forum; 3) Ordenação dos repertórios na Biblioteca Forum; 4) Práticas culturais na Biblioteca Forum; 5) Práticas de gestão na Biblioteca Forum; 6) Avaliação quantitativa e qualitativa dos formadores; 7) Avaliação quantitativa e qualitativa das ações formativas.

Assim, a proposta da nova matriz compreende que a formação terá que considerar contextos específicos, quadros particulares e não apenas um único aspecto do dispositivo. Nesse sentido, apresenta-se a ideia da avaliação dialógica como condição de fazer avançar em direção de resultados que possam alterar a ordem da biblioteca, na perspectiva democrática, considerando

as dimensões da gestão da instituição, dos formadores, dos formandos, dos contextos locais, tudo refluindo dinamicamente em torno de mudanças necessárias e desejáveis.

Se a avaliação pretende transformar uma realidade que está sendo perpassada por esses agentes e conjunturas, diferentes frentes precisam estar articuladas. Por isso, o conceito de avaliação dialógica mostra-se fundante, na medida em que se volta para o meio como elemento que dá sustentação à redefinição de concepções e dos métodos avaliativos.

Nesse cenário, é importante chamar a atenção para a importância da "avaliação da avaliação". De acordo com Scriven (2018, p. 362-363) "a meta-avaliação é o imperativo profissional da avaliação: ela representa o reconhecimento de que 'a avaliação começa em casa', de que a avaliação é autorreferente e não apenas algo que se faz com os outros". A meta-avaliação será, assim, procedimento a ser incorporado às políticas de formação de quadros, utilizando-se os mesmos princípios propostos para a avaliação dialógica, conforme Romão (2011, p. 107):

> 1º) identificação do que vai ser avaliado; 2º) constituição, negociação e estabelecimento de padrões; 3º) construção dos instrumentos de medida e de avaliação; 4º) procedimento da medida da avaliação; 5º) análise dos resultados e tomada de decisão quanto aos passos seguintes no processo de aprendizagem.

Em complementação, tendo ainda Romão (2011, p. 120) como referência "a análise dos resultados de qualquer avaliação se transforma num momento importante de revisão de todo o planejamento do trabalho previsto e executado até o momento" e que "[...] mais importante do que constatar resultados é tomar decisões a respeito do que deverá ser feito a seguir".

Dados os percursos aqui apresentados, foi possível responder à pergunta de pesquisa, evidenciando de forma sintética, porém sistemática, os atuais indicadores das avaliações do programa de formação de profissionais do SisEB. O trabalho também atendeu o objetivo geral de construir uma proposta de dimensões e indicadores para avaliação dessas ações, com aplicabilidade nas capacitações realizadas no âmbito das bibliotecas públicas paulistas.

A matriz proposta pode estar articulada a identificar se dimensões e indicadores foram atendidos e também pode ser norteadora de um acompanhamento longitudinal de forma sistemática e razoavelmente viável para se observar o que efetivamente foi alterado com base na formação. A criação e a aplicação de instrumentos de mensuração, coleta e análise dos dados quantitativos e qualitativos construirão trabalho posterior. De forma objetiva, a matriz pôde incluir a ordem dialógica quando coloca o quadro de funcionários protagonizando

transformações e indicando possibilidades, a partir de método a ser estudado em próximas etapas de desenvolvimento do trabalho.

Neste momento, o foco do estudo foi fazer uma crítica ao que existe, com base num ideal para formação de biblioteca – Biblioteca Forum –, e construir novos indicadores com base em referenciais diversificados, o que pode recaracterizar o conceito do dispositivo e atingir parâmetros passíveis de serem aplicados às capacitações.

O propósito do trabalho foi de contribuir para um percurso avaliativo mais consistente entre facilitadores, participantes e organizações responsáveis, desde o planejamento à avaliação das ações formativas de profissionais de bibliotecas públicas. Conseguiu-se fazer avançar sobre a forma de conceber a avaliação da capacitação, bem como constituir de maneira estruturada dimensões e indicadores que pautem a formulação de programas formativos, incluindo diferentes aspectos teóricos e práticos envolvendo ambientes, repertórios, linguagens documentárias, práticas culturais e práticas de gestão orientados para o papel de mediação (inter)cultural das bibliotecas públicas, sobretudo no âmbito do SisEB.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? **Outra travessia**, Florianópolis, n. 5, p. 9-16, jan. 2005. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576. Acesso em: 20 jul. 2021.

ALBERTO, Solange Maria Rodrigues. **Formação de mediadores culturais:** o lugar da experiência. Orientadora: Profa. Dra. Ivete Pieruccini. 2017. 180 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-21022018-152727/pt-br.php. Acesso em: 12 maio 2022.

AMARAL, João Alberto Arantes do. **Pesquisa em Educação**: uma abordagem prática. São Paulo: [*s. n.*], 2021.

AMPARO, Thiago. Você pode substituir diversidade por igualdade, por exemplo: Da Flip ao Rei Leão, por que discurso de diversidade é insuficiente. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 26 jul. 2019. Colunas e blogs. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/thiago-amparo/2019/07/voce-pode-substituir-diversidade-por-igualdade-por-exemplo.shtml. Acesso em: 21 abr. 2020.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. *In*: **Magia e técnica, arte e política**: Ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996. v. 1, p. 114-119.

BOTELHO, Isaura. Dimensões da cultura e políticas públicas. **Revista São Paulo em Perspectiva**: Cultura: Vida e Política, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 73-83, abr./jun. 2001. Disponível em: http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/index.php?men=rev&cod=5055. Acesso em: 22 jul. 2021.

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura**: Políticas culturais e seus desafios. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **No lugar da leitura**: biblioteca e formação. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2015.

CALIL, Lúcia Peixoto. Indicadores: o desafio de evidenciar mudanças. *In*: OTERO, Martina Rillo (org.). **Contexto e prática da avaliação de iniciativas sociais no Brasil**: temas atuais. São Paulo: Peirópolis, 2012. cap. 3, p. 61-89.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5ª. ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CAUNE, Jean. Pratiques culturelles et médiation artistique: la construction du lien social. *In*: LIQUÈTE, Vincent (coord.). **Médiations**. Paris: CNRS Éditions, 2010. p. 33-48. Disponível em: https://books.openedition.org/editionscnrs/14712. Acesso em: 2 nov. 2020.

CENTRO REGIONAL PARA EL FOMENTO DEL LIBRO EN AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE (ed.). Los sistemas bibliotecarios públicos: indicadores para la evaluación de su impacto y de su gestión. *In*: **Colecciones Digitales**. Medelín, outubro 2015. Disponível em: https://coleccionesdigitales.biblored.gov.co/items/show/1270. Acesso em: 22 jul. 2021.

CEREZUELA, David Roselló. **Planejamento e avaliação de projetos culturais:** da ideia à ação. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

COURTIS, Christian. Direitos culturais como direitos humanos: conceitos. *In*: SOARES, Inês Virgínia Prado; CUREAU, Sandra (org.). **Bens culturais e direitos humanos**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015. cap. Prefácio, p. 9-21.

CULTER2030GOAL CAMPAIGN. Culture in the implementation of the 2030 Agenda: a report by the Culture 2030 Goal Campaign. *In*: **Culture 21**: Agenda 21 for culture. Barcelona, Paris, Harare, Sydney, Montreal, 2019. Disponível em: http://www.agenda21culture.net/advocacy/culture-2030-goal. Acesso em: 18 jan. 2021.

CUNHA FILHO, Francisco Humberto. Direitos culturais no Brasil: dimensionamento e conceituação. *In*: SOARES, Inês Virgínia Prado; CUREAU, Sandra (org.). **Bens culturais e direitos humanos**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015. cap. Dimensões dos bens culturais, p. 27-35.

DAVALLON, Jean. A mediação: a comunicação em processo?. **Prisma.com**, Porto, n. 4, p. 4-37, 2007. Disponível em: https://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/issue/view/167. Acesso em: 20 jul. 2021.

DUCCI, Daniel. **Aflalo/Gasperini, Biblioteca de São Paulo**. São Paulo, 2009. 1 fotografia. Daniel Ducci Fotografia: Arquitetura. Disponível em: https://danielducci.com/aflalogasperini-biblioteca-de-sao-paulo. Acesso em: 24 abr. 2022.

FABRE, Isabelle; GARDIÈS, Cécile. La médiation documentaire. *In*: LIQUÈTE, Vincent (coord.). **Médiations**. Paris: CNRS Éditions, 2010. p. 121-139. Disponível em: https://books.openedition.org/editionscnrs/14712. Acesso em: 20 jul. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FROHMANN, Bernd. O caráter social, material e público da informação. *In*: FUJITA, M. S. L.; MARTELETO, R. M.; LARA, M. L. G. **A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica; Marília: Editora Fundepe, 2008, p. 13-36.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Decreto nº 22.766, de 9 de outubro de 1984. Cria o Sistema de Bibliotecas Públicas do Estado de São Paulo e dá providências correlatas. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, São Paulo, seção 1, v. 94, n. 193, p. 1, 10 out. 1984. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1984/decreto-22766-09.10.1984.html. Acesso em: 3 nov. 2020.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Decreto nº 55.914, de 14 de junho de 2010. Reformula o Sistema de Bibliotecas Públicas do Estado de São Paulo. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, São Paulo, seção 1, v. 120, n. 111, p. 4, 15 jun. 2010. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1984/decreto-22766-09.10.1984.html. Acesso em: 3 nov. 2020.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997. Disponível em: https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361. Acesso em: 14 nov. 2020.

HONORATO, Cayo. Tem alguém, algo aí?: O público, os públicos, um público. *In*: **Seminário Reconfigurações do Público**: Arte, Pedagogia e Participação. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, 27 maio 2013. Disponível em: https://cayohonorato.weebly.com/uploads/8/4/7/3/8473020/2012_ensaio_seminario-ii_honorato.pdf. Acesso em: 3 maio 2020.

IMAGINARIO, Andrea. Significado de Interculturalidad: Qué es Interculturalidad. *In*: **Significados**: General. [*S. l.*], 11 nov. 2020. Disponível em: https://www.significados.com/interculturalidad/. Acesso em: 24 jul. 2021.

INSTITUTO FONTE PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL (São Paulo). *In:* SP LEITURAS (coord.). **Documento interno**. São Paulo: SP Leituras: Administrativo-financeiro, 2016.

INSTITUTO FONTE PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL (São Paulo). Relatório de Avaliação da Qualidade. *In*: SP LEITURAS. **Transparência**: Pesquisa de satisfação. 2011-2020. ed. São Paulo, 2021. Disponível em: https://spleituras.org.br/pesquisa-de-satisfacao/. Acesso em: 30 nov. 2020.

INTERNACIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION AND INSTITUTIONS. **Access and opportunity for all**: how libraries contribute to the United Nations 2030 Agenda. Netherlands, 2016. Disponível em: https://www.ifla.org/publications/node/10546. Acesso em: 22 jul. 2021.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS; ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Manifesto da IFLA/Unesco sobre as Bibliotecas Públicas 1994**. [*S. l.*], 1994. Disponível em: https://www.ifla.org/files/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-pt.pdf. Acesso em: 4 dez. 2020.

JANNUZZI, Paulo de Martino. **Monitoramento e avaliação de programas sociais**: uma introdução aos conceitos e técnicas. Campinas: Alínea Editora, 2016.

KOONTZ, Christie; GUBBIN, Barbara (ed.). **Diretrizes da IFLA sobre os serviços da Biblioteca Pública**. Tradução: Célia Heitor. 2. ed. Lisboa: Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, jul. 2013. Disponível em: https://www.ifla.org/files/assets/hq/publications/series/147-pt.pdf. Acesso em: 18 jan. 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAMARRE, Jean-Marc. L'éducation interculturelle: une éducation aux frontières. **Recherches en education** [En ligne]. Université de Nantes, 36, 2019. p. 63-170. Disponível em: http://journals.openedition.org/ree/1023. Acesso em: 12 mai. 2022.

LIBRARY. In: CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS & ASSESSMENT (Cambridge). **Cambridge Dictionary**. [S. l.: s. n.], 2022. Disponível em: https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/library. Acesso em: 14 ago. 2022.

MACHADO, Maria Amália. Análise temática na pesquisa qualitativa: Pesquisa na Prática #94. *In*: **Acadêmica Pesquisa**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 26 jan. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jdDCSmEnt1M&ab_channel=Acad%C3%AAmicaPesquisa. Acesso em: 17 abr. 2022.

MAIA, Gabriel; GOMES, Luca. A distribuição geográfica das bibliotecas no Brasil. **Nexo Jornal**, São Paulo, 8 jan. 2020. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/grafico/2020/01/08/A-distribui%C3%A7%C3%A3o-geogr%C3%A1fica-das-bibliotecas-no-Brasil?utm_medium=Social&utm_campaign=Echobox&utm_source=Facebook&fbclid=IwAR2aylAKb5UGZae-20u52kYToPNfYmXgC0CGypQyJufFH-L6ZMl4eYXrrvQ. Acesso em: 2 ago. 2020.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. **I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural**: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Brasília: Iphan, v. 1, p. 25-39, 2012. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Anais2_vol1_ForumPatrimonio_m.pdf. Acesso em: 10 jul. 2020.

MEYER-BISCH, Patrice; BIDAULT, Mylène (org.). **Afirmar os direitos culturais**: comentário à Declaração de Friburgo. São Paulo: Iluminuras, 2014.

MORAES, Juliana; BRANDÃO, Daniel. Matriz avaliativa como dispositivo estratégico. **Move Social**, São Paulo, 2 nov. 2017. Disponível em: https://move.social/matriz-avaliativa/. Acesso em: 3 jun. 2021.

MORAES, Rubens Borba de. **O problema das bibliotecas públicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1983.

MORALES, Estela. Diversidad, pluralidad e información: una riqueza multicultural. **Documentación de las Ciencias de la Información**, Madri, v. 29, p. 325-334, 2006. Disponível em: https://revistas.ucm.es/index.php/DCIN/article/view/DCIN0606110325A/19172. Acesso em: 18 jul. 2020.

NAKANO, Marilena; ENDO, Paulo; YUNES, Eliana [et al.]. **Mediação**: cultura, leitura e território. São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do Estado de São Paulo, Unidade de Difusão Cultural, Bibliotecas e Leitura, SP Leituras, 2019. v. Notas de Biblioteca 12.

OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. Sobre conquistas e tensões. **Revista de Estudos Avançados**, São Paulo, v. 32, ed. 93, p. 283-296, 2018. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/152634/149102. Acesso em: 18 jul. 2021.

OLIVIERI, Cristiani; NATALE, Edson (org.). **Guia brasileiro de produção cultural 2013–2014**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2013.

OLLIVEIRA, Cecília. Resistência – Negra: abolição e o presente. *In*: **Mamilos 254**. São Paulo: B9 Company, 5 jun. 2020. Disponível em: https://www.b9.com.br/shows/mamilos/mamilos-254-resistencia-negra-abolicao-e-o-presente/. Acesso em: 6 jul. 2020.

PERROTTI, Edmir. Infoeducação: um passo além científico-profissional. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 5, n. 2, p. 4-31, jul./dez. 2016. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/28314. Acesso em: 23 jul. 2021.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. A mediação cultural como categoria autônoma. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 1-22, mai./ago. 2014. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19992. Acesso em: 14 nov. 2020.

PIERUCCINI, Ivete. Palestra – Memória Cultural, Memórias e Biblioteconomia: um debate permanente. *In*: **Web Conferência de Ciência da Informação e Biblioteconomia (WebConCIB)**. Minas Gerais, Rio de Janeiro, 1 dez. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=H4dBYAQvq2w&list=WL&index=7&t=809s. Acesso em: 1 dez. 2020.

PIERUCCINI, Ivete. **A ordem informacional dialógica**: estudo sobre a busca de informação. Orientador: Edmir Perrotti. 2004. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-14032005-144512/pt-br.php. Acesso em: 16 maio 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

RED DISTRITAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS Y ESPACIOS DE LECTURA NO CONVENCIONALES (Bogotá). Acerca de BibloRed: Principios Orientadores. *In*: **Sobre nosotros**. Bogotá, 2021. Disponível em: https://www.biblored.gov.co/nosotros. Acesso em: 22 jul. 2021.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação dialógica**: desafios e perspectivas. 9ª. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 160 p.

RUPRECHT, Pierre André; SANT'ANA, Giovanna Carvalho. Indicadores LEQT e seus impactos na SP Leituras. [Entrevista concedida a] Daniele Pechi. **Instituo Pró-Livro - Fomento à leitura e acesso ao livro**, 7 jul. 2020. Plataforma. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/2020/07/07/indicadores-leqt-e-seus-impactos-na-sp-leituras/. Acesso em: 17 jan. 2021.

SAMPIERI, Hernández Roberto; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTA MARÍA, Gloria María Rordriguez; VASCO, Irene. **Bibliotecas Vivas**: as bibliotecas públicas que queremos. Tradução: Celia Ribeiro Zaher, May Brooking Negrão. São Paulo: Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo, Unidade de Bibliotecas e Leitura, SP Leituras, 2013. v. Notas de Biblioteca 6.

SANT'ANA, Giovanna Carvalho; KIRST, Marcos. O Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo como política pública cultural. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, n. especial, p. 582-593, 2015. Disponível em: https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/535. Acesso em: 20 jan. 2021.

SCRIVEN, Michael. **Avaliação**: um guia de conceitos. 1.ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra, 2018.

SILVA, Andre de Araujo; OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. Indicadores culturais: a experiência do projeto Ademar Guerra. *In*: **Portal de Conferências da UFSC**: ENANCIB 2019. Florianópolis, outubro 2019. Disponível em: https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/972. Acesso em: 23 jul. 2021.

SILVA, Rogério Renato; JOPPERT, Márcia Paterno; GASPARINI, Max Felipe Vianna (org.). **Diretrizes para a prática de avaliação no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rede Brasileira de Monitoramento e Avaliação, 2020. Disponível em: https://sinapse.gife.org.br/download/diretrizes-para-pratica-de-avaliacoes-no-brasil. Acesso em: 4 set. 2020.

SISTEMA ESTADUAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS DE SÃO PAULO. *In:* **SP Leituras**: Programas e Projetos (org.). Planilha: tabulação das avaliações das capacitações presenciais 2018. São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, 2018. Documento interno.

SISTEMA ESTADUAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS DE SÃO PAULO (org.). Workshop internacional – Mediação: Cultura, Leitura e Território. *In*: **Agenda:** outubro 2018. São Paulo, 2018. Disponível em: https://siseb.sp.gov.br/evento/workshop-internacional-mediacao-cultura-leitura-e-territorio-2018-10-22https://siseb.sp.gov.br/sobre/. Acesso em: 15 mar. 2022.

SISTEMA ESTADUAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS DE SÃO PAULO (org.). Ensino a Distância (EaD) SisEB – Mediação: Cultura, Leitura e Território – Turma 1: julho-setembro/2020. *In*: **Agenda:** julho 2020. São Paulo, 2020. Disponível em: https://siseb.sp.gov.br/evento/ensino-a-distancia-ead-siseb-mediacao-cultura-leitura-e-territorio-turma-1-julho-setembro2020-2020-07-13https://siseb.sp.gov.br/sobre/. Acesso em: 16 abr. 2022.

SISTEMA ESTADUAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS DE SÃO PAULO (org.). Governança: Diretrizes da Política de Bibliotecas Públicas do Estado de São Paulo. *In*: **Institucional**: Sobre. São Paulo, 2021. Disponível em: https://siseb.sp.gov.br/sobre/. Acesso em: 15 mar. 2022.

SISTEMA ESTADUAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS DE SÃO PAULO (org.). Série histórica: consulta. *In*: **Bibliotecas Paulistas**. São Paulo, 2020. Disponível em: http://siseb.sp.gov.br/bibliotecas-paulistas/. Acesso em: 15 mar. 2022.

SISTEMA ESTADUAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS DE SÃO PAULO (org.). Sobre. *In*: **Institucional**. São Paulo, 2021. Disponível em: https://siseb.sp.gov.br/sobre/. Acesso em: 9 dez. 2021.

SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS (Brasil). **Informações das bibliotecas públicas**. Brasília, 2021. Disponível em: http://snbp.cultura.gov.br/bibliotecaspublicas/. Acesso em: 15 mar. 2022.

SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS (Chile). Misión: Funciones. *In*: **Quiénes somos**. Santiago, [202?]. Disponível em: https://www.bibliotecaspublicas.gob.cl/sitio/Secciones/Quienes-somos/Mision/. Acesso em: 23 jul. 2021.

SP LEITURAS, Associação Paulista de Bibliotecas e Leitura (org.). Relatórios de Atividades: 4º trimestre/Anual 2018. *In*: **Transparência:** Contrato de Gestão SECEC/GOV. São Paulo, 2018. Disponível em: https://spleituras.org.br/relatorios-de-atividades/#. Acesso em: 15 mar. 2022.

SP LEITURAS, Associação Paulista de Bibliotecas e Leitura (org.). Biblioteca de São Paulo. *In*: **Nossa atuação:** Faça seu evento. São Paulo, 2022. Disponível em: https://spleituras.org.br/faca-seu-evento/. Acesso em: 16 abr. 2022.

UNITED CITIES AND LOCAL GOVERNMENTS. Culture 21: Actions. *In*: **Culture 21: Agenda 21 for culture**: Documents. Bilbao: Committee on culture, 2015. Disponível em: http://www.agenda21culture.net/documents/culture-21-actions. Acesso em: 14 nov. 2020.

VOZES da floresta. Direção: Thiago B. Mendonça. Produção: Renata Jardim, João Lanari Bo, Rose Farias, Leandro Saflatle, Renata Jardim. Roteiro: Thiago B. Mendonça. São Paulo: Le Monde Diplomatique Brasil, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=296&v=KRTJIh1os4w&feature=emb_logo. Acesso em: 21 abr. 2020.

ANEXOS

ANEXO A – Instrumento de avaliação das capacitações presenciais de 2018 do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo (participantes)

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO

NOME (não obrigatório):

Município de origem: **Data:** _____ /_____ /_____

Município em que realizou a capacitação:

	ÓTIMO	BOM	REGULAR	RUIM
1 INFRAESTRUTURA				
1.1 Localização	☐	☐	☐	☐
1.2 Instalações	☐	☐	☐	☐
2 ATENDIMENTO				
2.1 Facilidade para inscrição	☐	☐	☐	☐
2.2 Cordialidade da equipe	☐	☐	☐	☐
2.3 Capacidade de esclarecer dúvidas e prestar informações	☐	☐	☐	☐
3 PROGRAMAÇÃO				
3.1 Avaliação do palestrante	☐	☐	☐	☐
3.2 Conteúdo apresentado	☐	☐	☐	☐
3.3 Metodologia	☐	☐	☐	☐
3.4 Carga horária	☐	☐	☐	☐
4 AVALIAÇÃO GERAL				
4.1 Em relação à sua expectativa, o evento foi:	☐	☐	☐	☐
4.2 Em relação ao seu desenvolvimento profissional, o evento foi:	☐	☐	☐	☐

5 DEIXE SEU COMENTÁRIO SOBRE A ATIVIDADE REALIZADA

6 SUGIRA TEMAS PARA NOVOS EVENTOS

A Equipe da SP Leituras agradece sua participação!

SP Leituras Organização Social de Cultura

Sis EBM

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO Secretaria da Cultura

ANEXO B – Termo de autorização para coleta de dados

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

USP

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS

Eu, Giovanna Carvalho Sant'Ana, matriculada no curso de Mestrado Profissional em Gestão da Informação, na área Organização, Mediação e Circulação da Informação, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, com Número USP 8080697, e-mail gsantana@usp.br, sob a orientação da Profa. Dra. Ivete Pieruccini, venho solicitar a V. Sª. a autorização para coleta de dados na organização SP Leituras – Associação Paulista de Bibliotecas e Leitura, com a finalidade de realizar a pesquisa de mestrado profissional intitulada: Gestão de bibliotecas públicas: do planejamento à avaliação dialógica de ações formativas de profissionais, cujo objetivo geral é construir um referencial de indicadores para avaliação de ações formativas de profissionais de bibliotecas públicas e que possa ter aplicabilidade nas capacitações realizadas no âmbito do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo (SisEB). A relevância e a projeção social do trabalho consideram que alcance e produto da pesquisa se apresentam na possibilidade de desenvolvimento de outros estudos sobre os programas e as ações que compõem o SisEB, enquanto política pública cultural ainda pouco investigada no campo acadêmico, bem como do debate sobre os resultados a serem alcançados com o trabalho desenvolvido em outros sistemas estaduais e municipais de bibliotecas públicas do país. A coleta de dados ocorrerá mediante a utilização do instrumento de mensuração e da planilha interna com a tabulação das avaliações das capacitações presenciais do SisEB em 2018, para análise dos dados do workshop internacional Mediação: Cultura, Leitura e Território, realizado em São Paulo, SP, em outubro de 2018. Igualmente, assumo o compromisso de utilizar os dados obtidos somente para fins científicos, bem como de disponibilizar os resultados obtidos para esta instituição.

Giovanna C. Sant' Ana.

Giovanna Carvalho Sant'Ana

Profa. Dra. Ivete Pieruccini

ANUÊNCIA DA DIRETORIA EXECUTIVA DA SP LEITURAS

De acordo com a coleta de dados para execução do projeto acima descrito.

PIERRE ANDRE RUPRECHT:66878330815

Assinado de forma digital por PIERRE ANDRE RUPRECHT:66878330815
Dados: 2022.05.13 17:06:10 -03'00'

Pierre André Ruprecht – diretor executivo SP Leituras

São Paulo, 17 de fevereiro de 2022.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ECA/USP
Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443, Prédio Central Cidade Universitária. 05508-020. São Paulo. SP. BrasilFone: +55 11 3091-8658
www3.eca.usp.br/pos | email: ppgci.eca@usp.br